

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

ALDOVANO DANTAS BARBOSA

**ESPAÇO ESCOLAR:
RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

FRANCA

2018

ALDOVANO DANTAS BARBOSA

**ESPAÇO ESCOLAR:
RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Serviço Social. Área de concentração: Trabalho e Sociedade, Linha de Pesquisa: Estado, Sociedade e Políticas Sociais.

Orientadora: Profa. Livre Docente Célia Maria David.

FRANCA

2018

Barbosa, Aldovano Dantas.

Espaço escolar : rupturas e permanências na disciplina de história / Aldovano Dantas Barbosa. –Franca : [s.n.], 2018.

107 f.

Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Célia Maria David

1 Educação. 2. Historia - Estudo e ensino. 3. Professores - Formação. I. Título.

CDD – 370.1

ALDOVANO DANTAS BARBOSA

**ESPAÇO ESCOLAR:
RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Serviço Social. Área de concentração: Trabalho e Sociedade, Linha de Pesquisa: Estado, Sociedade e Políticas Sociais.

BANCA EXAMINADORA

**Presidente: _____
Prof. Dra. Célia Maria David**

**1º Examinadora: _____
Prof. Dr. Genaro Alvarenga Fonseca – FCHS-Unesp**

**2º Examinador: _____
Prof. Dra. Helen Barbosa Raiz Engler – FCHS-Unesp**

**3º Examinadora: _____
Prof. Dra. Ana Lúcia Furquim Toscano – Uni-FACEF**

**4º Examinador: _____
Prof. Dra. Cléria Maria Lobo Bittar – UNIFRAN**

Franca, _____ de _____ de 2018.

Dedicatória

Dedico a Laura Odette Dorta Jardim, mais do que uma profissional, uma mulher que acolhe e que respeita a todos com sua competência e afeto.

AGRADECIMENTOS

Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralisado), A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa. (Marcos 2:10-11)¹.

Para Célia Maria David que possibilitou não só esse trabalho, mas também um longo percurso humano que me pareceu curto, e que, sinceramente, espero que não finde com a conclusão deste, mas que perdure para além das questões institucionais. Orgulho em dizer: A minha orientadora, Professora Célia Maria David, pela humanidade que se manifestou a cada encontro, os ensinamentos, a paciência, ao controle diante das dificuldades, por entender minhas escolhas acadêmicas, quando muitos não entenderam.

Agradeço a Deus, que na sua bondade tem possibilitado a realização de mais esse sonho, que, para muitos era impossível, mas que para Ele o impossível é ordinário. Quero não só oferecer este trabalho quero oferecer minha vida.

Aos meus pais, Alberto (in memoriam) e Nilda, que são os que formaram meu caráter e que insistiram para que eu não acreditasse que obstáculos são intransponíveis. E que o mais importante não são as coisas, mas as pessoas.

Aos meus irmãos, Lourival (in memoriam), Nair, Roderval, Osmir e João Carlos que a vida me presenteou, e mais, quis o destino que eu fosse o mais jovem (caçula) para receber todos os mimos e cuidados, muitas vezes eles sacrificaram suas vidas e desejos para que eu pudesse frutificar, na verdade se existisse forma de adjetivar os irmãos com certeza seria anjos. Há também aqueles irmãos que escolhemos pela vida, esse espaço é para vocês, que para não cometer injustiças peço que se sintam agradecidos pela caminhada até aqui, na certeza que muitas virão.

À minha esposa, Tatiana Galvani da Silva Barbosa, por todo olhar de compreensão nas minhas ausências e dias difíceis. Por me ajudar a compreender a vida pelo amor ao próximo e a dedicação para a paz interna.

Às minhas filhas, Sofia e Elisa, que nasceram no percurso acadêmico: Sofia nasceu no início do mestrado e Elisa no começo do doutorado, assim foram sete

¹ Jesus curava as pessoas... A cura do acamado é muito emblemática: "toma a tua cama e vai". Por que levar aquela que para ele era motivo de tristeza durante anos? Será que a cura é o fim de nossos suplícios? Ou, um pretexto para continuarmos e, ao olharmos para cama no futuro próximo, lembrarmos: quem nos curou e que nossa vida faz parte de uma transitoriedade?

anos de felicidade e razão para ir em frente. Talvez vocês nunca leiam essa dedicatória porque não precisa, porque vou dizer com atos e palavras todos os dias da minha existência o quanto sou grato a Deus pela existência de vocês. Vocês são minhas “momolengas”.

A todos professores e professoras que tive a oportunidade de trocar saberes, disciplinados ou indisciplinados, vocês me encorajam para voos mais altos. Profissionalmente é inquestionável seus saberes.

A minha banca composta pela Profa. Dra. Cléria Maria Lobo Bittar, Profa. Dra Ana Lúcia Furquim Toscano, Profa. Dra. Helen Barbosa Raiz Engler e pelo Prof. Dr. Genaro Alvarenga Fonseca, gratidão e respeito a todos vocês pelo enriquecimento e respeito que trataram meu trabalho.

À Seção Técnica de Pós-graduação, em especial ao Mauro e Erick que foram sempre solícitos e competentes em seus trabalhos, meu muito obrigado.

A equipe da biblioteca, a você Laura, com seus esforços incansáveis para o trabalho pudesse ser o mais potente possível. A sua paciência e competência provoca compromisso de sermos cada vez melhor em servir o próximo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Franca, pela oportunidade de realização deste sonho.

Aos amigos e amigas que sempre estiveram comigo, perto ou na distância, a cada um meu agradecimento e compromisso de cada vez mais acreditar que uma vida com amigos é mais prazerosa.

Aos colegas de trabalho que partilham o cotidiano e as dificuldades de trabalhar e estudar, e mais ainda, ter filhas. Tenho orgulho de fazer parte de um grupo de lutadores. Desistir jamais!

Aos meus alunos que celebram cada conquista e sempre verbalizam o orgulho do professor: Aldo. Obrigado pelo incentivo.

Aos colegas de turma: Doutorado 2014. Vocês dividiram comigo tantas intimidades inseguranças e medos que transformou uma turma acadêmica em família. O destino cruzará nossas vidas novamente, não tenho a menor dúvida.

Enfim, agradeço a todos e todas que de alguma forma contribuíram com esse trabalho ou com minha perseverança e crença nas novas possibilidades. Encerro esse ciclo com a certeza que outro virão, mas por viver este saio fortalecido e enriquecido.

Deixo aqui registrado: Se o tempo provar que minhas certezas provisórias estão erradas, assumo cada uma delas. Mas, esse mesmo tempo não pode negar que eu tentei. Repito. Eu TENTEI.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada.

BARBOSA, Aldovano Dantas. **Espaço escolar**: rupturas e permanências na disciplina de história. 2018. 108 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

A presente Tese buscou escrever sobre educação no limiar do século XXI, tendo por pressuposto que essa tentativa é um desafio de difícil enquadramento do ponto de vista prescritivo e duvidosamente útil do ponto de vista da aplicação prática. Hoje, todas as críticas e propostas educacionais são facilmente assimiladas e não produzem efeitos (valores) e as mudanças mais significativas neste cenário educacional não têm sido gestadas nas universidades ou gabinetes, mas sim, nas práticas cotidianas. Acredito, que a ciência hoje, tenha o papel de estabelecer rotas e não prescrições, portanto cabe ao pesquisador: mapear as linhas possíveis para a construção do inédito e não estabelecendo vias únicas e chegadas pré-determinadas, a intenção do trabalho foi estabelecer rotas e possibilidades de compreensão do real, para isso a opção foi compor uma escrita de maneira indisciplinada. É tentador buscar respostas e prescrições, principalmente num texto científico, mas a análise aqui estruturada nos mostra que há uma falência das metanarrativas e das prescrições e que no limiar do século XXI precisamos de um olhar atento e de práticas comprometidas com as transformações sociais. Esse trabalho é uma descrição de um percurso, ou seja, mapa cartográfico que possibilita inúmeras possibilidades. A cada unidade dá ao leitor a autoria para ir além, ao final, nos anexos, a demonstração de um cotidiano que teima em ser estático, por isso ao pesquisador compete a coragem da dinâmica.

Palavras-chave: educação. ensino. aprendizagem. cotidiano escolar.

BARBOSA, Aldovano Dantas. **School space**: ruptures and permanences in the discipline of history. 2018. 108 p. Thesis (Doctorate in Social Work) - School of Humanities and Social Sciences, São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2018.

ABSTRACT

The present thesis sought to write about education at the threshold of the 21st century is a difficult challenge from the disciplinary point of view and doubly useful from the point of view of practical application. Today, all criticisms and educational proposals are easily assimilated and do not produce effects (values) and the most significant changes in this educational scenario have not been developed in universities or offices, but in everyday practices. I believe that, beyond or short of disciplined knowledge and disciplined methods of useful recommendations or safe answers, other than appropriate and appropriate ideas, it may be time to try to work in the pedagogical field as a mapmaker of our time: mapping the lines possible for the construction of the unpublished and not establishing single routes and predetermined arrivals, perhaps it is time to try to work in the pedagogical field thinking and writing in an undisciplined way. It is tempting to seek answers and prescriptions, especially in a scientific text, but the analysis here structured shows that there is a failure of metanarratives and prescriptions and that at the threshold of the twenty-first century we need a close look and practices committed to social transformations. This work is a description of a route, that is, a cartographic map that allows numerous possibilities. Each unit gives the reader the authorship to go beyond, in the end, in the annexes, the demonstration of a daily life that remains static, so the researcher has the courage of the dynamics.

Keywords: education. teaching. learning. everyday school.

BARBOSA, Aldovano Dantas. **Espacio escolar**: rupturas y permanencias en la disciplina de historia. 2018. 180 p. Tesis (Doctorado en Servicio Social) - Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Universidad Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2018.

RESUMEN

La presente tesis buscó escribir sobre educación en el umbral del siglo XXI es un desafío de difícil encuadramiento desde el punto de vista disciplinario y dudoso útil desde el punto de vista de la aplicación práctica. Hoy, todas las críticas y propuestas educativas son fácilmente asimiladas y no producen efectos (valores) y los cambios más significativos en este escenario educativo no han sido gestadas en las universidades o gabinetes, sino en las prácticas cotidianas. Creo que, además, o allá, de los saberes disciplinados y de métodos disciplinarios de recomendaciones útiles o de respuestas seguras, además de las ideas apropiadas y apropiadas, tal vez sea el momento de intentar trabajar en el campo pedagógico como cartógrafo de nuestro tiempo: mapeando las líneas que es posible para la construcción del inédito y no estableciendo vías únicas y llegadas predeterminadas, tal vez sea hora de intentar trabajar en el campo pedagógico pensando y escribiendo de manera indisciplinada. Es tentador buscar respuestas y prescripciones, principalmente en un texto científico, pero el análisis aquí estructurado nos muestra que hay una quiebra de las metanarrativas y de las prescripciones y que en el umbral del siglo XXI necesitamos una mirada atenta y de prácticas comprometidas con las transformaciones sociales. Este trabajo es una descripción de un recorrido, es decir, mapa cartográfico que posibilita innumerables posibilidades. A cada unidad le da al lector la autoría para ir más allá, al final, en los anexos, la demostración de un cotidiano que tiende a ser estático, por lo que al investigador compete el coraje de la dinámica.

Palabras clave: educación. educación. el aprendizaje. cotidiano escolar.

LISTA DE SIGLAS

APM	Associação de Pais e Mestres
ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPC	Centro Popular de Cultura
EJA	Educação de Jovens e Adultos;
ENCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FNDE	Fundo Nacional de desenvolvimento da Educação
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEB	Movimento Educação de Base
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNE	Plano Nacional de Educação
SARESP	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SNE	Sistema Nacional de Educação
UNE	União Nacional dos Estudantes
USAID	United States Agency International for Development

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
2 INTRODUÇÃO	18
3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	22
3.1 Entre a sala de aula e a formação docente: muito mais do que ensinar.....	22
3.2 Relações de poder e os desafios da educação	33
3.3 A sociedade e o tempo	35
3.4 Educação: nosso tempo, nossa prática	39
3.5 Educação e o mundo do trabalho	44
3.6 Tecnologia: mais que procedimentos	49
3.7 Aprendizagem Significativa	53
4 DO PROCESSO DE CARTOGRAFIA	55
4.1 Ambiente.....	55
5 PERCURSOS E ROTAS.....	58
5.1 O discente como parte de um coletivo	59
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS.....	73
Anexo A - Pauta A.T.P.C. 22/02/2016 e 23/02/2016
Anexo B - Pauta A.T.P.C. 07/03/2016 e 08/03/2016
Anexo C - Pauta A.T.P.C. 14/03/2016 e 15/03/2016
Anexo D - Pauta A.T.P.C. 21/03/2016 e 22/03/2016
Anexo E - Pauta A.T.P.C. 28/03/2016 e 29/03/2016
Anexo F - Pauta A.T.P.C. 04/04/2016 e 05/04/2016
Anexo G - Pauta A.T.P.C. 11/04/2016 e 12/04/2016
Anexo H - Pauta A.T.P.C. 18/04/2016 e 19/04/2016
Anexo I - Pauta A.T.P.C. 25/04/2016 e 26/04/2016
Anexo J - Pauta A.T.P.C. 02/05/2016 e 03/05/2016

Anexo K - Pauta A.T.P.C. 09/05/2016 e 10/05/2016	
Anexo L - Pauta A.T.P.C. 16/05/2016 e 17/05/2016	
Anexo M - Pauta A.T.P.C. 23/05/2016 e 24/05/2016	
Anexo N - Pauta A.T.P.C. 30/05/2016 e 31/05/2016	
Anexo O - Pauta A.T.P.C. 13/06/2016 e 14/06/2016	
Anexo P - Pauta A.T.P.C. 20/06/2016 e 21/06/2016	
Anexo Q - Pauta A.T.P.C. 27/06/2016 e 28/06/2016	
Anexo R - Pauta A.T.P.C. 15/08/2016 e 16/08/2016	
Anexo S - Pauta A.T.P.C. 22/08/2016 e 23/08/2016	
Anexo T - Pauta A.T.P.C. 05/09/2016 e 06/09/2016	

1 APRESENTAÇÃO

E, tendo dito isto, chamou com grande voz: Lázaro, sai para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lençol. Disse-lhes Jesus: Desligai-o, e deixai-o ir. (João 11:43-44)².

Jesus, quando cura o paraplético diz: “toma tua cama e vai para tua casa”. Creio que o que menos este homem, agora curado, gostaria de ver era essa cama.

Pensar sobre a pedagogia de Jesus me faz crer que a fórmula seria essa: quando você estiver em sua casa dando cambalhota, preparando-se para grandes empreitadas e conquistando grandes coisas, olhe para a cama, saiba e lembre-se de onde veio e quem te salvou.

Contrariando as mais otimistas expectativas, muito prazer, meu nome é Aldovano Dantas Barbosa, sexto filho de Alberto Dantas Barbosa e Nilda Berbel da Silva Barbosa. Nascido destinado a morrer por intolerância ao leite materno, fui restabelecido graças a água do arroz em casca receitado pelo “Girido”, provavelmente Gildo, farmacêutico que atendia e prescrevia remédios nos idos de 1978 em Franca/SP.

Com diferença de dois a três anos entre os filhos quando do meu nascimento, apenas meu pai sustentava a família, ajudado pelo primogênito que, desde os oito anos, já trabalhava como “aprendiz”, conceito que não se aplica à minha família, já que todos trabalharam de forma muito produtiva, só podendo se encaixar, então, na remuneração e na contratação da criança.

Papai analfabeto até aquele momento, porque a vida lhe ensinou apenas algumas letras e números, trabalhava como agricultor e na construção civil, sempre com remuneração mínima. Já mãe, quando podia, deixava a prole na creche (Bom Samaritano), e trabalhava como diarista.

Minha “longa” infância foi interrompida aos dez anos ao começar a prestar serviços para bancas de pesponto, unidade doméstica da indústria calçadista. Também vendi picolé, mas percebi, desde cedo, que vendas não eram meu forte. Aos doze anos, a história familiar se repetiu pela sexta vez, fui ser “aprendiz”. Aos

² Como é emblemática a situação que se encontrava Marta e Maria, amigas de Jesus, elas avisam Jesus que seu irmão está doente, passam pela morte do mesmo e Jesus não vai nem mesmo ao enterro. Como será que o entorno das irmãs viam tal procedimento? E até elas mesmas que tinham orgulho em ter Jesus em sua casa, mas no momento de sofrimento não tem o amparo de que tanto ama. Mesmo assim, ao ver Jesus chegar O acolhe.

quatorze, já era “homem feito”, segundo o conceito familiar, pois já tinha registro em carteira.

Como estudo não foi feito para pobre e a nós bastava saber ler e escrever, saí da escola por dois anos intercalados: 5° série (6° ano) e 7° série (8° ano). Ao voltar, mesmo sem saber bem ao certo por que nunca mais parei, até hoje tenho esta sensação de coisa deliciosa e proibida. Realmente, minha família estava certa, a nós é proibido o aprendizado, mas as fendas aparecem. Terminei meus estudos e fui tentar entrar na UNESP/Franca no curso de História, fato que só ocorreu porque eu não tinha a mínima noção do que iria enfrentar e, às vezes, é melhor não saber mesmo. Fui o 55° classificado da 40° turma do noturno da UNESP/Franca, todavia nem comemorei, pois continuava não sabendo o que isso significava. Dia após dia, fui percebendo que Deus tinha me reservado um grande presente e minha graduação era só a ponta do “iceberg”.

No quarto ano da graduação (2005) comecei a lecionar na rede estadual de ensino, houve um acréscimo salarial no meu orçamento de três vezes (R\$1200,00), fui o primeiro da família a ultrapassar a casa dos três dígitos. Agora, nós celebramos a nova etapa empreendida, pois para minha família os resultados se justificam pelos números, porque é isso que garante nossa sobrevivência.

Em 2006, ingressei no curso de psicologia da Uni-Facef, neste período tive contato com a ESQUIZOANÁLISE, este pode ter sido um marco divisor para minha vida acadêmica. Ao relatar minhas experiências educacionais a uma amiga professora (Daniela), esta me encorajou a escrever sobre minhas vivências em sala de aula, viajamos para um Congresso na Argentina e depois de alguns anos, para Ribeirão Preto, mergulhando na filosofia que ecoaria até os dias hoje nos meus estudos.

Em 2011, tudo ficou claro e compreensível, ingressei no Mestrado em Serviço Social na UNESP/Franca, ganhei uma filha linda (que não será aprendiz com dez anos) e fiz minha casa, contrariando, também, as mais belas previsões otimistas. Por quinze meses, trabalhei todos os dias como “peão de obra” para realizar esta que é uma necessidade básica, mas que nos é furtada. Construí minha casa por 25% do valor estipulado pelo mercado imobiliário, “milagre” do capitalismo que premia quem trabalha. Muito prazer, meu nome é Aldovano Dantas Barbosa, casado com Tatiana Galvani da Silva Barbosa. Outro “milagre” proporcionado pelo capitalismo é o sustento da minha família no ano de 2011 com uma bolsa de

estudos, fornecida por uma agência de fomento à pesquisa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para os meus, receber uma bolsa de estudos é como se o Estado pagasse para que eu fosse aprendiz e não recebesse produção alguma, mal sabem que muita da minha produção (reprodução) os mantém subordinados pelo grande capital.

Gostaria de assinalar uma perda em meio a tantas coisas boas, em 2006, perdi meu irmão mais velho, aquele que ajudou meu pai a nos sustentar, vítima de um acidente de trânsito. Deixou uma lacuna que não vai ser preenchida por nada. Sei que não é possível, e nem funciona assim, mas trocaria tudo de bom que passei e o que virá por mais um instante com ele. Lourival da Silva Barbosa, foram tantas alegrias que minha bateria de coragem ficará cheia até o findar desta etapa terrena. Isso é o mínimo que as palavras dão conta de registrar sobre o amor de quem se ama. Muito prazer, sou irmão de Lourival da Silva Barbosa. Sei que este trabalho que proponho apresentará muitas arestas, assumo todas, mas se houver algo de plausível gostaria de registrar em memória deste que ainda me acorda com seu cheiro nas manhãs mais tristes.

Ao finalizar a dissertação de mestrado (2014), outra empreitada se descortinou como possibilidade de continuar a vida acadêmica, e juntamente vieram as pressões sociais que tangiam minha família naquele momento: minha esposa grávida da minha segunda filha (Elisa Silva Barbosa) que não teria o Centro de Convivência Infantil (CCI) e a saída da minha primogênita (Sofia Silva Barbosa) da mesma unidade infantil, pois a partir da minha defesa de mestrado, já não possuía vínculo com a instituição. Então, participei do processo seletivo para o doutorado, mas não só, também fiz o vestibular para o curso de Serviço Social, mas não só, também participei do concurso para professor substituto do Departamento de Educação da UNESP/Franca. Estudei dias a fio, virando noites e fazendo o que estava ao meu alcance para estes processos, como resultado veio à aprovação nas três provas.

Após quatro meses, perdi meu pai, tive a honra de tê-lo em meus braços nos últimos momentos, como se por um instante a vida se encarregasse de inverter os papéis: o criador transformado em criatura por alguns instantes. Hoje a saudade corta o peito. Muito prazer, sou filho de Alberto Dantas Barbosa.

Em 2014, ano de grandes mudanças, encontrei apoio nos braços de Célia Maria David, que me acolheu no luto com carinho inexprimível e pôde também

celebrar junto à minha família a chegada da linda Elisa Silva Barbosa. Uma orientação para a vida! Muito prazer, sou Aldovano Dantas Barbosa, casado com Tatiana Galvani da Silva, pai de Sofia Silva Barbosa e Elisa Silva Barbosa.

A educação é a área de interesse e atuação do autor desse trabalho, desde a graduação em História, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais UNESP/Franca, estendendo a prática profissional e escolha por grupos de estudos.

A experiência profissional como professor se iniciou ainda na graduação, com a participação na extensão universitária no SEU (Cursinho de Extensão Universitária) em 2002, meu primeiro ano de graduação. Ingressei no ensino regular estadual em 2005. Concomitantemente, buscava cursos de aperfeiçoamento e apresentava resultados de experimentações em sala de aula, no Brasil e na Argentina, sendo que, a partir da apresentação de um artigo no Congresso de Trabalhadores e Saúde Mental na Argentina e da dissertação de mestrado em 2014, ficou delimitado o recorte de pesquisa: implementações educacionais.

Os resultados destes trabalhos foram premiados pela Secretaria de Educação com cursos de capacitação no Instituto Ayrton Senna e remuneração extra (bônus), paga de forma coletiva a professores que atingiram os objetivos educacionais colocados pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A aproximação do tema de mestrado com a linha de pesquisa da Professora Livre Docente Célia Maria David proporcionou a ampliação dos interesses em dedicar-me às atividades de pesquisa e produção de conhecimento na educação.

2 INTRODUÇÃO

Escrever sobre educação no limiar do século XXI é um desafio de difícil enquadramento e duvidosamente útil do ponto de vista da aplicação prática. Hoje, todas as críticas e propostas educacionais são facilmente assimiladas e não produzem efeitos (valores) e as mudanças mais significativas neste cenário educacional não têm sido gestadas nas universidades ou gabinetes, mas sim, nas práticas cotidianas. É tentador buscar respostas e prescrições, principalmente num texto científico, mas a análise aqui estruturada nos mostra que há uma falência das metanarrativas e das prescrições e que no limiar do século XXI precisamos de um olhar atento e de práticas comprometidas com as transformações sociais.

Salientando que nosso processo histórico-educacional não permite muitas digressões, já que nossa Lei de Diretrizes e Bases (LDB) data de 1996 - momento muito particular na história do Brasil e significativo para a educação. Em adendo, as dimensões continentais do país acabaram por fazer com que as estruturas políticas se esvaziassem e não produzissem o efeito sistemático esperado. Para Saviani, (1975), não há um Sistema Educacional Brasileiro, pois, o mesmo subentende-se como conjunto, unidade, recursos, entre outros, que o país não satisfaz, seja pela estrutura (carente) de recursos, pelas especificidades regionais ou mesmo por escassez de teóricos que se dediquem à questão brasileira. Assim, o que o Brasil possui até o momento, segundo o autor, é uma Estrutura Educacional apoiada na Constituição Federal de 1988 e na LDB de 1996.

Na contemporaneidade, a discussão pedagógica é uma mediania entre a arrogância dos cientistas e a boa razão moralista. O que leva a nós, professores, a uma sensação de que não sabemos se o que temos é suficiente para construção social, e mesmo que não o seja, se isso serviria de mola propulsora. A proposta é a de evitar os centros difusores de saberes e respostas pré-fabricadas, tanto na leitura quanto na aplicação da pedagogia em sala de aula. Produzir efeito, sem, no entanto, qualquer pretensão de objetividade, universalidade, sistematicidade e verdade, até mesmo porque este trabalho parte da transitoriedade. Não há o que prescrever e abdicar na educação, de iluminar e modificar nas práticas pedagógicas, porque elas são parte dos possíveis para este momento.

Uma boa cartografia possibilita habitar lugares e experimentar rotas. É sabido que as mudanças são necessárias em todos os aparelhos institucionais.

Talvez a escola, mecanismo vivo, é o que mais tem se diferenciado. No entanto, ainda não temos arcabouços para responder às perguntas: qual a escola que queremos? Qual a escola que podemos?

Apesar do estilo acadêmico, chamar de ensaio, sem qualquer conotação depreciativa. Esse caráter experimental coaduna com a ciência moderna que admite que a feitura e o resultado sejam uma cadeia de contribuições e experimentações, produções de possibilidades de forma coletiva e não diretiva.

Pensar a educação contemporaneamente é abrir mão das posições céticas/dogmáticas sobre a função de seus atores (professor e aluno) bem como da instituição, haja vista as mudanças sociais pelas quais passaram desde a Constituição de 1988. O desafio é assumir que o educador é um agente de difusão cultural e não um tradutor de tendências e técnicas operacionais das demandas sociais brasileiras, entendimento vigente que faz com que as inovações nos programas e técnicas operacionais resultem em confrontos e não coadunem com a realidade do valor social da educação.

Em conjunto, as duas tendências contribuem, de formas diferentes, para manter o rendimento das instituições escolares em níveis de subaproveitamento das oportunidades ou dos recursos educacionais do ambiente. Seus conflitos geram, além disso, o maior obstáculo à expansão e à diferenciação do sistema educacional brasileiro, que consiste na falta de diretrizes médias, universalmente aceitas, sobre a importância da educação sistemática para a formação moral do homem, para o equilíbrio social e, em particular, para o desenvolvimento da sociedade brasileira. (FERNANDES, 1971b, p. 210).

É inegável a importância da escola, mas ela, como artefato (fenômeno), não tem como determinar, *a priori*, qual é seu alvo, suas bases materiais. As mudanças sociais, são predeterminadas pela classe dirigente, logo falar de transformação social é desconhecer o sentido para qual a educação foi criada, se há possibilidade de transformação ela não está na academia/escola, estas são instituições viciadas e não comportam mudanças. Aqui, para efeito da educação escolar, não podemos cair no tecnicismo, mas devemos analisar a educação para além do aparente, pois o que temos presenciado é uma tautologia da pedagogia, ou seja, explicação pelo que ela não é. A modernidade traz as relações entre professor e aluno como o foco da tensão educacional, nada mais fantasioso, já que é o próprio ensino que separa o

docente do discente ou os une. Para além disso, pensar esse processo “ensinante” também permitiria vislumbrar as condições objetivas atuais.

Nenhuma fatalidade compele a educação a atuar, inexoravelmente, como força unilateral e cega, pelo menos dentro dos limites em que ela possa ser encarada por meio de reguladores psicossociais ou socioculturais. Ela pode, em outras palavras, formar o homem de diferentes maneiras e é o próprio homem quem decide, por meio de comportamentos sociais inteligentes, as variações em questão. (FERNANDES, 1966, p.71).

Cabe ao docente o papel de transformador de uma sociedade que tem em sua história todos os tipos de corrupção, principalmente a corrupção por medalhas e pela memória prodigiosa, mas se cabe ao professor essa homérica façanha, ele deve ter sido em algum momento transformado pela educação: Qual momento pode esse docente eleger como transformador/emancipador? Sabemos que os dilemas educacionais brasileiros não têm suas causas nos educadores, muito menos nos educandos, mas passa por eles as possibilidades de transformações que atendam principalmente os mais excluídos do processo civilizatório, hoje transformados em apenas consumidores.

No Brasil, educação e democracia é caso de política e não social, pois ao expandir as possibilidades de ingresso a educação formal o Estado não aparelhou as estruturas para receber o contingente de ingressantes. A educação atendeu e atende as demandas burguesas nos países capitalistas, o Estado como aparelhador da burguesia sempre interveio no campo social, mas com as transições do sistema econômico fica ainda mais nítido que não se trata de educar, mas sim docilizar a grande massa. Aos que não entenderam restam a esperança de uma educação disciplinar. Hoje, cabe ao educador preparar as personalidades para uma ordem social vindoura, capaz de fins práticos, propícia ao desenvolvimento coletivo e dos direitos e deveres do cidadão, com julgamento autônomo de pessoas, valores e movimentos sociais. Ele deve se posicionar, atento para os resultados que busca, já que os resultados não fazem parte de uma operação aritmética, mas de um processo, que, muitas vezes, se mostra contrário ao almejado. Mais ainda, projeta os protagonistas para situações em que são responsáveis pelos rumos cartográficos do porvir.³

³ “A mudança, em qualquer sociedade, é um processo político. É fundamentalmente uma tentativa das classes dominantes de manterem a dominação, de as classes intermediárias se associarem em seu proveito à dominação ou alterarem o seu conteúdo e as suas formas. Em sentido inverso, é

Assim, é possível arrolar vários problemas e temas que mostram a necessidade de o professor, no seu cotidiano, ter uma consciência política aguda e aguçada, firme e exemplar. Não que ele deva se tornar um Quixote ou espadachim. Mas ele precisa ter instrumentos intelectuais para ser crítico diante dessa realidade e para, nessa realidade, desenvolver uma nova prática, que vá além da escola. (FERNANDES, 1989d, p. 170).

Ainda se encontra atual a posição do educador colocada por Marx: educação para educador⁴, formando e transformando o professor e o cidadão numa cultura que atravessa a escola e chega até a sociedade, só assim deixam de ser reduzidos a meros instrumentos no conflito entre Estado e sociedade. Assim, para Mészáros (2005, p. 74), a educação é “[...] a ‘autoeducação de iguais’ e a ‘autogestão da ordem social reprodutiva’ [e] não podem ser separadas uma da outra.” Portanto, a educação é a condição para alcançar o que Gramsci colocou: “[Educar] é colocar fim à separação entre *Homo faber* e *Homo sapiens*; é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação [como] trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias.” (MÉSZÁROS, 2005, p. 9).

Os capítulos que seguem fazem parte de um percurso não linear: o primeiro é um recorte da composição da disciplina de História no cenário brasileiro, o segundo trata das aplicações da aprendizagem, que possibilitaram no terceiro capítulo algumas considerações.

uma tentativa das classes subalternas no sentido de modificar ou destruir a dominação” (FERNANDES, 1989d, p. 166).

⁴ “A doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Deve por isso separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima da outra. A coincidência da alteração das contingências com a atividade humana e a mudança de si próprio só pode ser captada e entendida racionalmente como práxis revolucionária.” (MARX; ENGELS, 2000).

3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

3.1 Entre a sala de aula e a formação docente: muito mais do que ensinar

Ao docente do tempo presente resta estar junto, se em um passado recente o mesmo era tido como detentor de um saber, hoje o saber está nas plataformas digitais, assim o tradicionalismo na educação, bem como as aulas centradas no docente estão comprometidas, há escassez de rumo, só não é escasso o investimento, a pasta educacional é a que mais consome dinheiro público. Pode parecer paradoxal, mas a educação é uma das políticas públicas que mais consomem dinheiro do Estado, mas este é subaproveitado.

Ademais, devido à baixa remuneração e as condições de sociais, são obrigados a trabalhar em mais de um local, e não só a quantidade de locais, mas a qualidade dos mesmos vem carecer o tempo que teriam para se dedicar a sua formação, e mesmo que a fizesse, o presente estudo apresenta que o que o professor ensina está aquém da sua formação. Os valores colocados para a sociedade não compõem com a instituição escolar.

Durante os anos da ditadura, 1930-1945, Estado Novo, 1964-1985 Ditadura Civil Militar, observamos períodos de retrocesso social, os ganhos modernos das décadas de 1940 e 1950 foram vilipendiados. As manifestações de 1960 mostram o quão danoso foi o período. Logo, a fronteira disciplinar deu lugar para as generalidades, os chamados Estudos Sociais, e ainda mais, formou no seio acadêmico uma bolha de exclusão, onde discentes frequentam a escola, mas não aprendem, logo os Estudos Sociais não tinham nada de social. A proposta foi o ensino tradicionalista que, educavam moralmente para o civismo e para o trabalho técnico, privilegiando fatos heroicos e grandes feitos, ou seja, a História não era feita por pessoas comuns, conseqüentemente o patriotismo em sala de aula colaborava para a legitimação do Estado burocrático, ou seja, o Estado com os seus sensores.

A educação brasileira parte da linearidade do discurso, esta não é capaz da complexidade do cotidiano, como traduzir esta linearidade para o discurso. Esse acúmulo de dificuldades faz/produz um novo conceito escolar e de formação de professores. Estas novas demandas atingiram as instituições, mas isso não transformou o ensino/aprendizagem.

A educação experimenta um grande desenvolvimento tecnológico, mas uma imaturidade política e relacional, consequência da educação escolar. O modelo escolar verificado a partir deste estudo constatou que o mesmo parte da industrialização tardia, pelo menos dois séculos de diferença da industrialização europeia, com um agravamento de ser um país periférico, ainda nesta perspectiva as primeiras escolas, no Brasil, nasceu fincada na meritocracia, para solucionar a demanda/procura, através dos exames de admissão.

Outro aspecto é o modelo ditatorial que deve ser salientado, onde ensina-se mas proíbe pensar, no entanto, deve se colocar todos na escola, o resultado visto no cotidiano escolar é que a escola não é uma parte de transmissão e produção cultural, mas sim paredes e pessoas amontoadas.

A burocracia do cotidiano, bem como a “linha de produção” que nada produz, ainda impera, segundo nosso estudo. Este trabalho, durante três anos, apresentou as transformações culturais e do mundo do trabalho para docentes e discentes, que reclamavam qualidade no ensino público. Mesmo assim, são nítidas as resistências e as insistências, vide os materiais recolhidos nos momentos de partilha entre docentes como nas Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC). A escola para todos não quer dizer absolutamente nada.

Uma das primeiras constatações no campo de trabalho foi que as queixas sociais dos pais, professores e discentes não se configuravam em demandas, as queixas eram sobre os produtos: passividade, disciplina, ausência de senso crítico (demonstrado em um capítulo sobre as maçãs), repetição de conteúdo em detrimento da produção, entre outras características que pouco contribui para a formação humana. A escola tem uma intencionalidade (repetição) que deve ser subvertida!

Esse modelo escolar constatado é uma penalidade para as discentes, é estar na escola para não estar em outro lugar: “rua”, “mundo das drogas”, “sem fazer nada”, estas falas são tão comuns nos ambientes educacionais, mesmo que este espaço não seja responsável pelos mesmos. Em todas as aulas assistidas pelo pesquisador foi apresentado um esforço ao ensino e aprendizagem que levasse ao grau mais elevado de abstração, intencionalmente. Ao ser questionado sobre o modelo platônico de abstração os docentes salientaram que a finalidade do ensino era buscar a verdade/abstração dos conceitos, logo, neste modelo a vida se perde, e é justamente essa crítica e demanda institucional. Um dos primeiros paradoxos do material encontrado.

Foi proposto em um dos planejamentos, inclusive consta no material em anexo, pensar o e Meio Ambiente, delimitado com aulas teóricas e práticas, para a surpresa do pesquisador a aula prática foi a visita a uma horta da cidade, e mais, foi contratada uma empresa de paisagismo para consumir os recursos do Estado que custeou o projeto. Processo de abstração que privilegia a palavra produz uma escola fragmentada e segmentada, chamamos de escola conteúdista. Discurso racional e isolado, no âmbito dos conceitos.

Como pensar o todo em uma escola fragmentada? Essa foi uma pergunta que percorreu o estudo. Mesmo porque, não acreditamos que as instituições são maniqueístas, que produziram intencionalmente estes resultados, o que presenciamos são resultados do que a sociedade brasileira é capaz, ou foi capaz num determinado momento. Estamos vivendo em uma etapa de transição onde outras produções são possíveis, inclusive este trabalho que possui liberdade de forma e conteúdo inovadora para a academia.

Estamos ganhando um modelo mais amplo, a escola que temos teve sua funcionalidade por uma metade de século, hoje está falida, o que nos agrada muito. A escola e a formação de seus atores estão em um plano de possibilidade. Em uma das considerações do presente estudo está o modelo cognitivo que se descortina: corpo pós-humano, noção do todo, mundo virtual. Estes modelos podem ser seguidos em todo o trabalho, em detrimento de uma escola que se fragmenta em conteúdos e abstrações e despeito da sociedade transitória.

O segundo paradoxo apresentado aqui é: vivemos em uma sociedade em transição, mas os atores estão passivos. Essa passividade gera impotência! Foram dezenas de situações vivenciadas no campo de estudo que nos permite a seguinte afirmação: a escola exclusivista e excludente de antes tinha como foco o mercado, e assim se constituiu, após mudanças estruturais e políticas a escola se abriu para todos, essa abertura não foi acompanhada por mudanças da forma no ensino e aprendizagem. Assim, hoje não preparamos para o mercado, nem mesmo incluímos os integrantes do espaço educacional.

Mesmo que seja redundante cabe dizer que o fragmento não contempla o todo, a abstração não capta o real, e assim por diante a instituição escolar se configura. O pensamento das ciências da vida, das ciências da natureza, o pensamento da filologia histórica, o pensamento das ciências das riquezas, ele está totalmente alojado nessa perspectiva de que, seja pela determinação das coisas, seja pela determinação das ideias, há uma correspondência entre as duas. E o quê que nós na instituição devemos fazer se queremos saber das riquezas? Organizar num quadro o modo de produção das riquezas? Se queremos saber sobre a origem das línguas, organizar em quadro a origem das línguas? E assim sucessivamente.

Vejamos, num dado momento, essas duas coisas começam a entrar em crise. Essas perguntas que acerca da natureza, da vida, do trabalho e da linguagem. E também essa ideia de que ou as ideias determinam as coisas, ou as coisas fazem com que as ideias se inscrevam na aprendizagem e fiquem lá. A ideia das primeiras instituições, que nós somos um quadro em branco cheio de ideiazinhas assim, aí os hábitos vão estar frisando as nossas ideias e escrevendo no quadro negro que nós somos. Nós somos a princípio um quadro vazio, marcado pela natureza. A natureza, a experiência, vem e se aloja em nós e a gente conhece.

Apresentando a ideia de que se escolhermos o método certo, a natureza vem e se aloja, assim refazemos exatamente o caminho feito por Deus. A mesma coisa vai pensar os materialistas, só que invertido. Eles vão dizer: “Deus pôs as ideias todas na minha cabeça, se eu tiver o método certo eu vou perguntar direitinho para a natureza e tudo vai se esclarece, porque as ideias vão corresponder a isso”. Ora vejam, o iluminista diz que porá fim a esta questão. De outro lado, assistiremos a volta ao idealismo, mas por outros caminhos. Mas o professor iluminista, bem como o discente vão perguntar o seguinte: o dogmatismo, o próprio nome já diz, é um dogma?

A escola deve afirmar que as palavras se impõem, que as ideias se impõem às coisas também porque Deus criou as ideias com absoluta correspondência às coisas, e as ideias têm poder, porque o espírito se impõe à matéria, de moldar as experiências e se impor a elas. Então, a minha certeza, eu tenho que acreditar nisso, enquanto aluno, acreditar que as ideias moldam. Mas eu não consigo demonstrar essa independência das ideias, a não ser por um subterfúgio, no caso, a Razão Suficiente.

Vejamos, começa no século XVIII o interrogatório sobre vários problemas do pensamento clássico, interrogação sobre a Razão Suficiente: Mas será mesmo que Deus nos dá essa garantia de correspondência entre ideias prévias, escritas na minha cabeça sem qualquer experiência e o mundo lá fora? Não, não acreditamos nisso! O que queremos aqui é dizer que o que está ocorrendo na escola brasileira foi superado a duzentos anos. Que o hábito faz com que nós aprendamos alguma coisa sobre a natureza pela experiência e isso faz com que eu adquira ideias sólidas sobre o mundo.

Ainda assim, a abstração e a segmentaridade é colocada: Mas Deus criou a gente para sustentar todo o conhecimento em cima da incerteza do hábito? Porque que eu sei que o dia nasce amanhã. Quer dizer, não há nenhuma segurança real nisso. Simplesmente porque o sol nasce todo dia e o fato de ele nascer todo dia faz com que eu creia que ele nasça amanhã. Aí a reprodutibilidade da experiência abstrata na educação. Quer dizer, enunciados lógicos. Será que eu consigo, por exemplo, esquematizar o mundo do ponto de vista lógico? Será que eu consigo encontrar uma lógica da dinâmica da mudança? Ou pelo menos da forma com que eu percebo a mudança na história?

Para todas essas questões, que são questões da modernidade, que vão ser colocadas pelos positivistas, vão ser colocadas pelos marxistas, vão ser colocadas pelos hegelianos, pelos hermeneutas, vão ser colocadas posteriormente pelos estruturalistas, que em nenhum momento passa na instituição escolar, nem como leitura da realidade. Ou seja, esse conjunto de questões que temos acerca do quê que é representar, de como se representa, de como é possível a representação, se é possível uma representação depurada, se a representação está sendo contaminada, se a representação traz contaminações de classe ou ela traz contaminações mentais que são de outra ordem.

Elas sofrem atrito porque nós nos iludimos ou porque a natureza nos engana? Enfim, todas as questões acerca da natureza da representação, do próprio ato de representação, começam a se tornar obscuras. Ou seja, começam a se tornar problemáticas para nós a partir do momento que a escola apresenta uma demanda para além da abstração: “Você é o responsável pela representação, ela está dentro de você e é preciso descobrir o mecanismo pelo qual você pensa o pensamento”. Aí reside todas as possibilidades. Por quê? Porque, como a possibilidade é criadora, ela achou que, assim como o problema, ela tinha encontrado a solução, obviamente. Ou então, a possibilidade de uma outra abordagem foi colocada como problema e ficou só nisso.

Mas não, a modernidade apresentou possibilidade que ultrapassam a educação escolar. Mais que crítica da razão pura temos encontrado a solução definitiva para a questão do pensamento. É obvio, que as novas demandas, do século XXI para a escola deixou em aberto uma obsessão do ocidente: como é que vou juntar a pessoa que pensa com a pessoa que age e com a pessoa que emite juízos de prazer ou dor acerca do mundo? Como é que eu vou juntar esses três eixos do ser humano?

Porque antes a religião fazia isso. Então, esse é o primeiro problema que a modernidade nos deixou. Tem que rejuntar. O belo, o bom e o verdadeiro têm que andar junto. Mas, enfim, isso é uma das obsessões abertas pelos iluministas, que não são ao menos tangenciadas, ainda hoje. Supostamente por que a religião nos garantia uma unidade no passado. “Supostamente”, apresentamos neste trabalho, porque é uma leitura também. Ou temos que pactuar que o mundo pré-Kant era um mundo pacificado. Não, não era um mundo pacificado. Era um mundo de dúvidas, angústias e aflições. Então, havia problemas também.

Vivemos nos corredores escolares com um saudosismo fantasioso. Mas, de qualquer modo, o primeiro problema que temos é esse: o humano que pensa, o humano que age e o humano que emite juízos estéticos. Assim, configurou nossa proposta em três humanos diferentes, que absolutamente não se juntam. Quer dizer, o quê que dá unidade do sujeito. É a busca de uma educação propositiva.

Porque que a gente conhece? E como a gente conhece? Pergunta que parece respondida, mas que insistem em aparecer nas aulas e momentos coletivos. Na prática o que se coloca é um esquematismo da imaginação. Há vários, se quisermos mapear as categorias do entendimento, que se misturam com as

impressões que vêm da sensibilidade através das imagens da imaginação que é fundido no sujeito da consciência, mas não foi essa função ou objetivo do trabalho. O aprendizado nesse é atemporal. Então, todo ser humano que conhece, desde o momento que o humano se identifica como humano, ele pensa de maneira racional.

Pensar de maneira racional é pensar através do esquematismo da imaginação. É assim que são projetadas as situações de aprendizagens. O ser humano constitui-se com sujeito do conhecimento.

Uma sensibilidade que sente o mundo, capta, que apresenta o mundo para nós, com os conceitos que nós temos na nossa cabeça, que se cruzam com essa sensibilidade transformada em imagens para nós, assim é produzido o pensamento. Mas o esquematismo escolar, para responder à questão da crítica da razão pura, como que são possíveis os juízos e critérios a priori, ou seja, como é possível o conhecimento, o conhecimento que está comigo. Causa e efeito, por exemplo, ninguém explica ao aluno, mas ele sabe que toda causa tem um efeito.

Como que esse conhecimento é possível no ambiente escolar?

Isso não pode vir nem do hábito, e nem tem inscrito só na cabeça do discente, porque isso depende de uma experiência. Então, está dentro cabeça, mas naquele esquematismo da imaginação. Então, a escola estabelece isso como seriação, vejamos, o discente pode questionar o esquema escolar, sem dúvida nenhuma. E é isso que as críticas à educação tem apresentado: uma educação que não ensina, mas ele sabe. Ou seja, como um método de análise e ensino, a partir do esquematismo da imaginação não dá conta do processo de pensamento, porque o processo de pensamento tem que comportar, por exemplo, uma outra variante, o tempo. Max vai dizer uma outra variante, o mundo material. Os estruturalistas vão dizer uma outra variante, talvez, a estrutura. Assim, a escola esquemática, seriada e com grades curriculares perde a função.

Mas uma coisa é inquestionável e é a partir daí que a pós modernidade ou a falência das metanarrativas vão inaugurar a ideia dos duplos: conhecimento abstrato e empírico. O que é inquestionável nas análises do ambiente escolar. A proposta escolar deve contemplar todos os indivíduos, sem separação de docente e discente, no sentido de o conhecimento remeteu para o interior do homem, ou seja, ele remeteu para aquilo que é finito as próprias condições do pensamento. Então ele transformou, por isso que este trabalho propõe, uma troca da metafísica para uma

analítica. O que significa isso? O quê que é uma analítica? A busca dos princípios primeiros e fundadores?

A respostas para essas perguntas para o pesquisador no campo de estudo foram respondidas a partir de exemplos cotidianos de construção do pensamento. Só podemos conhecer nos processos, não há a priori, os esquemas são territórios a serem ultrapassados. O que construímos com os questionamentos dos alunos a respeito da patologização dos gêneros (evento apresentado nesse trabalho), mais ainda, a “Guerra da Maçãs”. Os exemplos são variados, mas as repostas não são predeterminadas, é construto.

Por que dependem do construto?

Porque o mundo e as relações socioculturais são polissêmicas. O mundo só é possível através da sensibilidade, mas o mundo é mais que isso. Não há outro modo de perceber o mundo, além da sensibilidade. Então, se o mundo só é possível para a partir da sensibilidade e a sensibilidade é finita, o conhecimento se ampara em alguma coisa finita. Só podemos conhecer e ensinar o que sentimos, como a sensibilidade é finita, o conhecimento é finito também, porque ele depende de uma coisa finita: a sensibilidade.

Agora, que finito é esse? Ao admitir que o conhecimento é parcial e finito e essa é uma pergunta que nós fazemos às ciências humanas. Mas será que analisando a sensibilidade, fazendo uma analítica, conseguimos detectar o que tem de infinito na minha finitude, o que tem de constante na minha variante, o que tem de permanente no meu deslocamento? Essa é a pergunta de Ciências Humanas. Que o conhecimento depende de nós, sim. Mas quando eu pergunto o que é o conhecimento para mim mesmo, para nós humanos, será que se eu usar o método certo, o materialismo histórico, por exemplo?

A mesma dúvida perpassa todos os métodos e metodologias pedagógicas. A moda pedagógica é uma tradição humana: o que podemos ensinar, como podemos ensinar, como não traumatizar o discente, como corrigir, como não corrigir, entre outras modas pedagógicas. A moda é efêmera, traduz o que há de efêmero em nós mesmos. Mas será que olhando para ela eu capto alguma coisa que seja eterno no efêmero?

Foi essa a pergunta que fizemos no trabalho, pois nosso ambiente escolar é nosso único terreno para experimentações. Quer dizer, o nosso conhecimento está, depois desta constatação, fundado sobre o humano. Perdemos o acesso ao divino,

não sabemos mais o que Deus escreveu e a Bíblia não nos revela mais, porque nós perdemos o poder da correspondência. Então, depende de nós mesmos e da nossa finitude. Mas haverá a esperança de um conhecimento que seja o “conhecimento dos conhecimentos” e que diga como o próprio conhecimento é possível? Ou seja, como nessa “variança” finita que é o humano, há algo de infinito e que diz para nós o que é o próprio conhecer e o que é o próprio mundo, já que eu vou chegar ao que é o conhecimento mesmo?

Esse é o problema da modernidade. Por isso antes colocamos: deixamos de fazer uma metafísica e passamos a fazer uma analítica da finitude. A gente se pergunta o tempo todo sobre a nossa finitude, quão transitória é a escola. Como a gente produz o mundo? A gente se pergunta o tempo todo sobre isso. A gente pergunta como a gente trabalha, quais são os fundamentos do trabalho e se o trabalho move o mundo?

Na verdade, a psique na educação é abstração porque essas perguntas levam a engodos. Há algo de permanente na aprendizagem humana que esteja em todas as aprendizagens e que me permita, mais ou menos, ter um padrão de comportamento do humano? Há um certo padrão de absorção do trabalho, de produção de riqueza, que determine a mim mesmo e que fale alguma coisa sobre a própria perenidade do humano sobre a terra e sobre o trato dos materiais e a organização em sociedade, etc.? Há alguma coisa na linguagem que me permita uma invariância no ensinar e aprender?

Mesmo que a resposta seja não, convenciamos, para esse trabalho que é necessário estabelecer um território de construção na educação que parta do vivido e adentre o esquema da abstração, mas que não estabeleça prescrições desmedidas, o objetivo é que os integrantes institucionais possam conhecer os instrumentos para que deles fabriquem o necessário para a rota. Por exemplo, há boas e fortes teorias nas Ciências Humanas que se perguntam acerca do trabalho e como você organiza a sociedade a partir do trabalho, a produção da vida material, mesmo, efetivamente. Então porque insistimos em conteúdos fragmentados, centrar a aprendizagem em abstrações como habilidades e competências. Há também boas teorias que se perguntam a partir de uma certa funcionalidade orgânica da constituição do próprio processo social.

Há uma aprendizagem coletiva, há uma aprendizagem individual? Eu consigo determinar biologicamente essa psique coletiva e essa psique individual?

Quer dizer, isso nunca parou de nos atormentar, também. Sucessivamente nós desenvolvemos as três possibilidades: trabalho, vida e linguagem. O que ele disse foi que foi nesse ambiente de trabalho, vida e linguagem, que mais ou menos eu só posso aprender o que eles são, nisso que chama determinação, só podemos aprender o que eles são, na medida em que eles se manifestam.

Porque, só na manifestação podemos captar o que eles são. Mas para captar o que eles são na manifestação, eu tenho que captar nessa manifestação, algo que não seja totalmente efêmero. Tem que haver algo de permanente na vida que dê conta de todas as variantes de todas as aprendizagens, que no ambiente escolar se complementam. Tem que ter alguma coisa de constante na linguagem que ponha limite, significação e que explique para nós porque que nós produzimos significação.

Deve haver um limite qualquer no trabalho, um mecanismo qualquer que explique para nós quais são as condições que efetiva a vida material e como a vida material deve ser organizada a partir dessas condições. Ou seja, o nosso grande problema é trocar a roda com o carro em movimento. Porque podemos captar o eterno, o constante, o invariante, naquilo que é produzido cotidianamente por você mesmo e que é variante, não é eterno, é efêmero, e que é sempre contingente, e não na abstração do plano das ideias.

Então, como captar o que é constante no que é inconstante? Como captar o que seria da ordem do estável naquilo que é instável? E o pior, como fazer isso se transformando em sujeito e objeto do conhecimento? Porque o quê que você conhece? Qual é o seu objeto? São os produtos do trabalho, os produtos da vida, os produtos da linguagem. São produtos seus mesmos. Então, somos atores e diretores do espetáculo, ator e expectador do espetáculo. Você produz conhecimento e se interroga sobre a possibilidade de produção do próprio conhecimento. Essa ambiguidade é que é insolúvel na modernidade.

Por isso é que o trabalho aqui apresentado experimenta um jeito de sair disso. A partir da fuga da centralidade do homem. Não podemos partir de uma pergunta que é a clássica das Ciências Humanas, que é o homem. Não podemos partir dele, temos que partir de algo que o ultrapasse. Porque, enquanto eu interrogar o homem eu não tenho como escapar dessa ambiguidade, enquanto o homem for o centro focaremos nas habilidades e competências. Aqui apresemos os

contrários, os duplos, o empírico transcendental, o lógico e pensado, a origem e o retorno da origem, são desdobramentos deste problema central.

O homem ser sujeito e objeto do conhecimento. Você ter que encontrar nele aquilo que é eterno, que sustenta a sua própria ação, mas que só pode ser captado, nas manifestações efêmeras que ele faz no dia a dia. Efêmeras, transitórias, instáveis, que ele mostra para nós todo dia aí na rua. É só através do trabalho efetivo que nós tentamos captar uma lógica do trabalho, é só através da linguagem efetiva que eu tento captar uma lógica da língua, e é só através da vida efetiva que nós tentamos captar uma lógica da vida, da vida em sociedade, da vida individual e dos pactos coletivos.

A educação foge destas experimentações, apesar das Ciências Humanas tentarem vários modelos. Todos eles amparados na possibilidade de se encontrar uma estrutura onde segurar o processo. Seja uma estrutura invariante do espírito humano, seja um movimento do espírito absoluto, seja um crescendo evolutivo no sistema de se atingir o estágio positivo ou o que signifique isso.

Esse não é um problema do ensino médio, motivo deste trabalho. A universidade também não tem tangenciado estas questões na formação docente, pois nem nas pesquisas e questionários semiestruturados estas questões não apareceram. Logo, se a educação pode ser potente, não é na universidade. Foram tantas situações que possibilitariam aprendizagem, volto as maçãs, mas volta e meia retornamos aos conteúdos. A mudança de conceito não é uma abstração, é urgente ou a escola se coloca em movimento ou ela é uma falácia.

Como a tese é paradoxal, os discentes estão à frente da estrutura e docentes. Ou os responsáveis decidem aprender a aprender ou abriremos para aumentar o vale entre professores e alunos. Não há lugar para controle numa sociedade difusa/complexa. O sujeito estimula a ação, mas não é dono dela, o professor deve estimular a ação, assim como o discente. Se mudarmos a centralidade, destruir as fronteiras. Cada gesto dos atores educacionais tem desdobramentos infinitos, aprender ver, viver e pensar. Hoje é tempo de abandonar a educação como segmento, nossa proposta é o conhecimento é a vida que está em todos os lugares, não só nos bancos escolares ou restrita às técnicas pedagógicas.

A palavra ensinar pode até sair do nosso vocabulário, não só porque não produz efeito, mas porque o momento é de aprender, todos aprendem experimentando realidades efêmeras. Só aprendemos o que já sabemos de alguma

forma. A crise educacional grassa em nosso meio, logo, temos espaços para experimentar, mesmo que este trabalho receba críticas em sua forma e conteúdo, não poderá aceitar a crítica de que o mesmo não produziu efeito. Porque a educação de forma geral não tem produzido efeito. Pelos menos este que aqui se inscreve não se eximiu.

3.2 Relações de poder e os desafios da educação

O desafio para a escola contemporânea é articular a educação e o mundo, pois as escolas ainda insistem em compor núcleos isolados. O mundo já não é mais aquilo que está em nosso redor, compõe-se além do concreto e temos as representações dos signos que, à medida que são representados, se modificam infinitamente. Nota-se que esta observação se centra no humano que possui um corpo (realidade) e uma virtualidade que chamamos de consciência: “[...] a natureza (vida) quis olhar a si mesma no espelho.” (SCHOPENHAUER, 1995).

Somos uma parte da natureza que desdobrou o físico, tornando moral, chamado por Foucault (2007), em *As palavras e as coisas* de duplos da modernidade. Essa moralidade é constituída pela nossa memória de marcas, hoje substituída pela web, memória muito prodigiosa. A tecnologia conseguiu criar um suporte para nosso acúmulo moral e mais, possibilitou o compartilhamento de conteúdo, relações horizontalizadas e poderes em sistemas integrados.

A inovação tecnológica destruiu estruturas muito antigas, chocando nossa geração. O mundo se libertou da castração piramidal, o que não significa que acabaram os poderes, eles estão diluídos em sistemas integrados.

A educação, hoje, tem como desafio articular os sistemas isolados, devendo trabalhar competências e habilidades, que são muito diferentes do que era esperado para a geração passada. A instabilidade trazida pela modernidade é um ganho para ética, desejo e necessidade de inovação e criatividade, fim da linearidade. A escola, ao contrário do que esperamos, é caracterizada pela reprodução da passividade.

O poder docente nesta estrutura já não é mais conteúdo, mas sim, direção, o que torna o docente ainda mais indispensável. Assim, já que as relações piramidais não existem, temos que aprender a conceituar a escola e suas ações para que os integrantes dela tenham segurança no ambiente que habitam: que tipo de discente a

escola forma ou qual quer formar? O que a escola precisa? Mais máquinas ou mais conteúdos?

Essas perguntas é o que mais ouvimos no ambiente escolar. Precisamos de pessoas que estimulem o desenvolvimento intelectual e cognitivo, diferente do que foi feito até hoje, com núcleos piramidais. As avaliações externas à escola já partem deste desenvolvimento e as disciplinas escolares podem com isso. Entretanto, elas, por si só, são meros conteúdos, necessitam da sociabilidade do docente. Uma pessoa com alta capacidade cognitiva tem poder para revolucionar a partir de um “clic” a sociedade contemporânea.

Hoje não interessa o que o professor guardou de informação, mas se esta está pronta para ser colocada em serviço do aprendizado, mote da educação para o século XXI. Há quase duas décadas do início do século e ainda temos apenas práticas isoladas, mais sim, a valorização “conteudista” de alguns docentes e discentes, ou seja, uma quantidade de saber (conteúdo) que ninguém sabe. Diante disso, para a sociedade contemporânea, esse indivíduo não sabe nada, porque conhecimento é troca, é interação. Hoje, ainda encontramos práticas onde o melhor professor é aquele que fala e ninguém entende: “[...] todos turvam as suas águas para parecer profundas.” (NIETZSCHE, 2002).

Nossa inteligência é imaginativa e não conteudista, não sabemos o que é o mundo, pois nossos sentidos são limitados: temos olhos como máquinas fotográficas e de vídeo, mas o mundo é mutação, logo, o que fica armazenado em nós é mais a imaginação que o real. A memória como arquivo particular sem socialização é inócua:

O juízo de gosto “é belo” exprime no expectador um acordo, uma harmonia de duas faculdades: imaginação e entendimento. Com efeito, se o juízo de gosto se distingue do juízo de preferência, é porque ele pretende uma certa necessidade, uma certa universalidade a priori. Ele toma do entendimento, portanto, sua legalidade. Mas esta legalidade não aparece aqui em conceitos determinados. A universalidade no juízo de gosto é aquela de um prazer; a coisa bela é singular, e permanece sem conceito. (DELEUZE, 1963, p. 2).

A função do professor é, cada vez mais, limitar os espaços, mostrar contornos, fazer referências. Se o mundo não é o que está em nossa memória, não temos capacidade de decupar a matéria. Nossa capacidade de compreender o real é imaginativa, ou seja, passa de modelo em modelo. O professor insere o aluno no

mundo ao mostrar os limites, provisórios do mesmo, e, assim, dá oportunidade para que o aluno rompa estes limites estabelecidos, e, caso isso aconteça não será surpresa. Assim, podemos vislumbrar uma máxima para educação: - para potencializar a força educativa devemos limitá-la.

“Proletários de todo os países uni-vos!” (MARX; ENGELS, 2000). Essa frase gera uma grande revolução cognitiva onde a grande massa quer ler e aprender sobre a sociedade, mudando as estruturas mundiais, assim a educação aliada à força comporá um século XX de conquistas. Exponenciando a técnica em detrimento da cognição (formação humana), como resultados temos um avanço nas ferramentas, produção da web, e poucas pessoas para operá-las, hoje urge o desenvolvimento cognitivo.

3.3 A sociedade e o tempo

Estamos inseridos no ultrapassar de um limiar no qual a ideia da vida, a maneira que experimentamos ou mesmo a vida que nos faz sentido nos escapa à percepção devido à velocidade das transformações midiáticas.

Podemos assinalar a concepção de vida pelo contraste de conceitos como: sociedade pós-humana, natureza pós-biológica ou homem pós-orgânico. A ideia de vida é complexa desde que foi tematizada no século XIX. A vida é e não é matéria, é um conjunto e totalidade indivisível, é identidade (perpetuação) e mudança (adaptação). Tendemos a pensar a vida em um indivíduo, mas isso é uma abstração, uma vez que este só existe enquanto coletivo. Para Debru (2004), “normatividade vital” que separa qualquer ser vivo de outros inanimados é que o ser humano não é indiferente às pressões do meio, agente de valor. O ser vivo é aquele que é capaz de produzir novas normas para si, sempre que a vida ou as circunstâncias exigirem, o que, muitas vezes, o sistema educacional tentou impedir.

Será que os artefatos midiáticos não são capazes de valor? Qual é a fronteira exata entre a natureza e o artefato? O conceito de vida artificial inteligente está sendo questionado? O desejo moderno de controlar a natureza se encontra superado, mas continua desafiando o ser humano?

O desafio que essa situação coloca exige de nós uma atitude social e política crítica, já que hoje somos pouco convidados a exercitá-la e a escola está sendo profícua nesta empreitada, até porque não há lugar para esconder. As

tecnologias têm rebatimento direto em nossa subjetividade, em especial o sofrimento humano. A ciência moderna, assim como Prometeu desafia os deuses na manipulação humana, produz progresso e exhibe a potência da razão.

A ciência entendida por Bacon, Galileu, Descartes, entre outros é uma ciência que, como Prometeu afirma:

Eis-nos chegados aos confins da terra, à longínqua região da Cítia, solitária e inacessível! Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que recebeste de teu pai, e acorrentar este malfeitor, com indestrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais! Terá, pois, que expiar este crime perante os deuses, para que aprenda a respeitar a potestade de Júpiter, e a renunciar a seu amor pela humanidade. (ÉSQUILO, 2005).

O conceito de ciência está ligado à manipulação - “posição inconsciente de valor”-, ou seja, a vida, até as últimas descobertas, não é um mero amontoado de propriedades químicas que pode ser manipulado. Esse paradigma tem sofrido mudanças com a descoberta do genoma, com o desenvolvimento da biologia molecular e com o processamento de dados em grandes velocidades. Assim, ao contrário do que pensava os empiristas, podemos desvendar os mistérios da vida, “brincar de deus”. Hoje, natureza e tecnologia podem produzir os transgênicos, o homem pode tudo! Inclusive sê-lo!

Os adeptos de Debru poderiam apenas coadunar com a afirmativa, dizendo que isso é um mero progresso da ciência, mas o que é inquestionável é que nossa geração é a primeira a participar desta transformação que produz o caminho para sua evolução - “evolução pós-biológica” - e a natureza já não impõe limites para a espécie humana.

O objeto torna-se sujeito e ator dos processos, colocando problemas de origem moral e ética que antes não poderiam, se quer, ser imaginados na escola, como: congelamento de embrião como problema moral e a legitimidade da paternidade, os clones e a eugenia para modificações no funcionamento biológico de um humano. Hoje não temos instrumentos para tal, muito menos a prática para discutir estas questões. A tecnologia não é mais uma extensão da capacidade humana, mas uma capacidade de aprimorar o homem para além do humano. Fazer por meio da tecnologia o que a ideologia, a política e as reformas sociais não conseguiram fazer. Em duas gerações disporemos de tecnologia que nos

possibilitará aquilo que as engenharias sociais não conseguiram, teremos encerrado definitivamente a história humana (FUKUYAMA, 2003).

A ideia de que o corpo é uma máquina a ser aperfeiçoado é algo que está entranhado há algumas décadas. Há muito, o corpo e a escola deixaram de ser sagrados, há pouco, o corpo deixou de ser um substrato da natureza humana que guardava a sua essência. A ciência promete colocar esse corpo num patamar pós-humano mais durável e ela tem cumprido seu papel e promessa, agora cabe a educação lidar com essa promessa que fere frontalmente os preceitos do que tem sido a educação.

Como exemplos, Frankstein⁵/Blade Runing⁶: o que separa os exemplos é a capacidade e autodeterminação, mas isso também já é passado, pois há autodeterminações nas tecnologias atuais. Assim, qual a importância nas autodeterminações, se são construções muito determinadas que nominamos de auto? Ainda trabalhamos em nossas escolas o conceito de liberdade como livre arbítrio.

Em contrapartida, temos tempos modernos, onde as máquinas são duramente criticadas. Se Chaplin se tornou máquina na crítica à sociedade industrial, em Blade Runner a máquina se tornou humana. Logo, a arte, a ciência e as organizações sociais fazem que os limites da vida sejam ultrapassáveis para nossa geração. Se por um lado, temos a superação de limites, curas genéticas, reparações de lesões severas, por outro, temos os dilemas morais e éticos postos por esse novo momento. Temos hoje, a biologia com ciência paradigmática, ultrapassando a física, já que na segunda metade do século XX a biologia adentrou campos até então circunscritos a outras ciências e houve muitas ciências fundidas, o que se denominou de neurociência. Pode-se dizer, inclusive, que o avanço da biologia decorre da lógica interna dela mesma.

A Biologia do século XXI está para nós como Galileu e Copérnico estavam para o século XVII. Notemos que há uma infinidade de fatores que compõem com as mudanças da Renascença e da Modernidade, como: o individualismo e o racionalismo. Montaigne em sua literatura, pela primeira vez, diz que a vida íntima

⁵ Fauza ([20--]).

⁶ Blade Runner (no Brasil, Blade Runner, o Caçador de Androides; em Portugal, Blade Runner: Perigo Iminente) é um filme de ficção científica norte-americano de 1982 dirigido por Ridley Scott e estrelado por Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Edward James Olmos, Daryl Hannah, Brion James e J.J. Johnson. O roteiro, escrito por Hampton Fancher e David Peoples, é vagamente baseado no romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, de Philip K. Dick (BLADE..., 2018).

era assunto a ser descrito. Para Lutero, a crença em Deus era assunto individual que exigia, além da fé, a razão. Há, portanto, um entrecruzamento eletivo entre a descoberta da ciência e o desenvolvimento da sociedade.

Sáímos de um mundo bipolarizado, onde há progressistas, reacionários, pessoas de direita ou de esquerda, movimento estudantil, movimento sindical do século XX e, na última década do século, mais precisamente em 1989, emblematicamente 200 anos após a abertura de uma sociedade política, temos o colapso das estruturas políticas econômicas e sociais, saímos da ação do espaço público (cidadania), onde a identidade privada era como extensão da pública, para adentrarmos na era científica, na pós-humanidade.

A exacerbação do individualismo com ausência de preocupação coletiva, leva o indivíduo à cultura do consumo, uma vez que o ideal de sociedade é aquele onde os indivíduos podem consumir. Robert Kurz (2004) denominou esse fenômeno de “totalitarismo de mercado”. O que marca um esmaecimento do simbólico, não há filiação política, ideológica ou econômica, mas escolhas individuais, o indivíduo tornando-se centro, diferente de outros tempos históricos, onde o indivíduo encontrava seu lugar na sociedade, mundo onde as relações sociais e políticas estão dadas a-priori.

Hodiernamente, aprendemos que nossas escolhas são valoradas porque é o indivíduo e não a totalidade que escolhe (BAUMAN 1999; GIDDENS 1991). Há ideias de fragmentação, dispersão indentitária, ausência de transcendência e desprovimento de alteridade. Podemos olhar, também, para a fragmentação e estabelecer relações de posse e controle do meio. Nesse caldo de cultura, é que a sociedade do consumo ganha oxigênio.

A ideia de escolha individual não existe no mundo tradicional, é uma ideia moderna e temos que dar conta desta mudança e suas implicações. A ideia de que seu destino está ligado ao lugar que o indivíduo deve ocupar na sociedade via nascimento está desencantada e segundo Weber (1982), “o mundo é feito para ser descoberto pela razão”, logo, não existem os a priores.

O que significa pensar a tecnologia numa sociedade fragmentada? Podemos inferir que todo avanço é capitaneado pelo consumo. Se, por um lado, temos os questionamentos axiais como: o que e como devo aprender? O que é a vida ou um humano (próteses e modificações ordenadas) quando temos, também, a defesa de

que deveríamos abandonar o conceito de humano e adotar o transumano? Quanto dessa discussão que já faz parte do século passado, faz parte da atualidade?

Para Donna e Hari (1995, p. 10):

É, entretanto, na teoria cultural que analisa as radicais transformações culturais pelas quais passamos que podemos ver o desenvolvimento de um pensamento que nos faz questionar radicalmente as concepções dominantes sobre a subjetividade humana. Ironicamente, são os processos que estão transformando, de forma radical, o corpo humano que nos obriga a repensar a “alma” humana. Quando aquilo que é supostamente animado se vê profunda e radicalmente afetado, é hora de perguntar: qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado?

Esses questionamentos encontram um mercado de opções que podem ser compradas. Talvez, esse desafio mereça atenção: pensar de forma crítica o momento em que nos encontramos. Talvez seja preciso compreender a “cultura cerebral”, onde qualquer atitude é explicada cerebralmente, o que reforça a des-subjetivação, des-politização e o apagamento da ideia de sujeito. Esse que, em grande medida, foi construído a partir de uma normatividade psíquica, a capacidade de acordar e discordar de uma posição frente ao mundo, a capacidade de criar valores, ser um sujeito, ser um cidadão é uma invenção da modernidade que, hoje, não tem garantia de continuidade.

O “*Admirável Mundo Novo*” de Aldous Huxley (2001) parece insinuar-se no horizonte. A lógica da vida nos leva ao imediatismo, transformando-nos de cidadãos para consumidores, de sujeitos a meros agentes de comportamento.

3.4 Educação: Nosso tempo, nossa prática

Pensar a introdução das novas perspectivas no ensino de História na contemporaneidade é, no mínimo, um desafio, pois o que está posto no ensino moderno pode reforçar o ensino obsoleto e tradicional, porque essa introdução substitui o professor apenas e tão somente em informações, mas como vimos sobre a formação de professores, pouco resta quando abstraímos as informações dos mesmos.

As mídias são instrumentos e não causa do fracasso escolar, está é a primeira questão a deixar claro. A gênese da educação nos leva ao preenchimento do ócio da classe dirigente, a transformação educacional proposta na era moderna

nos remete ao ensino da operacionalização, portanto, em nenhum momento podemos dizer que a educação foi emancipadora. Mesmo hoje, na chamada pós-modernidade, na volatilidade dos conceitos, a instituição nos escraviza.

Entre os adeptos incondicionais e céticos de má fé, talvez haja espaço para uma reflexão crítica sobre as novas tecnologias, que, de saída, não seja suspeita de se pôr a serviço, seja da modernidade triunfante, seja da nostalgia dos bons e velhos tempos em que se podia ainda viver no universo do papel e lápis. (PERRENOUD, 2000. p. 126).

Já Schaff (1992), analisa que os novos instrumentos trazidos pelas inovações tecnológicas fazem parte do momento histórico presente e desconsiderá-los é um esforço inútil, pois a chamada pós-modernidade além de deslocar o foco da produção para a circulação, possibilita que participemos ou sejamos excluídos dessa circulação. Produções não têm reflexão, portanto são esvaziadas. A pós-verdade fragmentou ainda mais as classes reunidas nos bancos escolares, hoje os movimentos não se reconhecem e com pautas isoladas transformam a sociedade em castas. Ainda de acordo com Schaff (1992), assinala que a escola deveria ser a primeira das instituições a assimilar a chamada “sociedade informática”, visto o interesse desta na cultura e educação, na maneira de ser e fazer das pessoas, logo a aversão às mídias não pode ser vista de forma generalizada. O que há são equações mal resolvidas entre introdução e utilização das mídias.

Para Castells (2013), as novas transformações societárias estão dadas dentro de uma conjuntura que deve ser compreendida. Essa conjuntura não é maniqueísta, ela precisa de operadores, conscientes ou não dos processos. O que está em jogo aqui não é qual jogo devemos jogar, mas sim as regras, que, muitas vezes, são veladas.

Para Lévy (1993), as principais transformações societárias foram técnicas por trazerem mudanças, muitas vezes imperceptíveis, mas bastante pervasivas, que alteram nossa forma de conhecer o mundo, a forma de conhecimento e a transmissão deste através da linguagem. Mas o que o autor ignora é que a linguagem é um meio problemático de poder, é um ruído no alcance da potência que pode ser o processo educativo, que por sua vez não é encontrado no ambiente escolar.

A partir da década de 1990, temos outras formas de pensar o conteúdo que agora está disponível na web e em 2000 temos a interatividade, fator que impulsiona

a escola a ensinar a aprender: esse é o desafio! Cabe ao docente entender e formalizar o mundo, o que chamamos desde que o homem começou a pensar sobre si e seus processos, de busca da verdade. Hoje mais que a linearidade do caminho, a sinuosidade da colaboração. Colaboração para quê? Qual o propósito da educação?

Somente a partir da conexão de elementos dispersos podemos vislumbrar os propósitos para educação do século XXI. Apesar da existência dos princípios de autonomia que aparecerem nos planos pedagógicos, eles raramente estão presentes nas salas de aulas das escolas, o cidadão crítico se encontra na sala do diretor/coordenador. Assim, educação é processo, é vir a ser, o que trás os ensinamentos de Paulo Freire, (2011) cada vez mais, para a atualidade.

O sistema educacional brasileiro para dar conta de sua dimensão continental, é composto por 51 milhões de alunos na educação básica, do ensino fundamental ao ensino médio, somando escolas públicas e privadas, em dados do Censo Escolar 2010, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com a invenção do software (1970)⁷, os meios de informação passaram por uma grande revolução e foram estes que possibilitaram os ambientes virtuais (BITSNERD, [201-]). Todavia, eles ainda não dão conta de todos os signos e significados, logo a importância do docente atrelado às técnicas para dar conta de uma realidade quantitativa e qualitativa como no Brasil.

Segundo Pierre Lévy (1993), o mundo virtual é constituído de três abstrações básicas: Linguagem (virtualiza o presente); Técnicas (virtualizam ações) - o projeto de uma roda é a virtualização do movimento e Contratos (virtualiza a violência). A respeito da informação, Machado de Assis escreve:

O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era símbolo representativo de pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a ideia da geração aniquilada [...]. Tanto melhor! Este desenvolvimento da imprensa-jornal é um sintoma, é uma aurora dessa época de ouro. O talento sobre a tribuna comum; a indústria eleva-se à altura de instituição; e o titão popular, sacudindo por toda parte os princípios invertebrados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos. É a luz de uma aurora

⁷ Surgiu nos anos 1969-1973 e foi desenvolvido por Dennis Richey e Kerningham David ambos trabalhando nos laboratórios Bell. E a palavra mágica era portabilidade. Paralelo ao desenvolvimento das linguagens de computador, sistemas operacionais (OS) foram desenvolvidos. Estes foram necessários porque a criação de programas e ter que escrever todas as instruções de máquina específicas e outra vez foi uma "perda de tempo" de trabalho.

fecunda que se derrama pelo horizonte. Preparar a humanidade para saudar o sol que vai nascer, - eis a obra das civilizações modernas. (ASSIS, 1994, p. 45).

Para Silvio Meira (2009), precisamos de conhecimentos mais variados, uma vez que numa escala “*just in time*” não temos tempo de mudar ou melhorar o que estávamos fazendo. É o que o autor denominou de modo “Beta”, cerne do modo em rede: faço o que posso e disponibilizo na rede para que possa ser criticado, “destruído” e assim produzir o novo, habilitando os leitores para serem autores e transformando o conhecimento linear em complexo.

A proposta pedagógica deste trabalho é apresentar a importância das pessoas nesta nova de configuração do conhecimento, uma aprendizagem colaborativa entre pessoas. Estas, por sua vez, pensam sobre a realidade que as cercam para assim colaborar com a produção, diferente do conhecimento referenciado que reproduz *ad infinito* uma única “realidade”. Assim, na contemporaneidade, meus conceitos serão úteis se penso e aplico individualmente o produto de meu conhecimento com o mundo (pessoas). Nota-se que a virtualidade em rede faz com que a colaboração possa se fazer entre pessoas que jamais se encontraram, gerando um clima de confiança no outro. Todavia, o produto “final” não é pensado *a priori*, pois não temos o controle e a tutela da cadeia de conhecimento.

Estamos assistindo à queda das barreiras disciplinares na educação porque elas não permitem a inovação, o pensamento autônomo, ou seja, entender as coisas como estão e suas possibilidades de mudanças recriando o mundo ao nosso redor. Nossa biologia coaduna com essa forma de utilização, pois nosso cérebro é um mecanismo de processamento e recriação da realidade que, ao longo das sociedades, fomos perdendo essa capacidade devido ao processo educacional.

Há, historicamente, o medo do desconhecido, como o que grassa em nosso meio, mas felizmente essa forma receosa não inibiu as inovações, como podemos ilustrar o aparecimento dos bondes elétricos (eletricidade):

Anunciou-se que São Paulo ia ter bondes elétricos. Os tímidos veículos puxados a burro, que cortava a morna da cidade provinciana iam desaparecer para sempre [...]

[...] Como seriam os novos bondes que andavam magicamente, sem impulso exterior? [...]

O fato público mexera com a opinião. Havia os favoráveis, os que previam um grande progresso para a Capital com a aquisição de energia elétrica. Mas havia também os que cheiravam negociata na vinda de capitais estrangeiros para cá. [...]

Um mistério esse negócio de eletricidade. Ninguém sabia o que era. Caso é que funcionava. Para isso as ruas da pequena São Paulo de 1900 enchiam-se de fios e de postes. (ANDRADE, 1976, p. 34).

Se para Hegel, o futuro é o que está em germe no passado, para entender e modificar o futuro deve-se interpretar o passado, a história evolui, mas não se transformou⁸.

Ora, o problema, no fundo, é uma questão de lógica: na concepção naturalista sacrifica-se a diferença essencial à unidade. De outro lado, se Marx fizesse somente o contrário, isto é, se sacrificasse a última à oposição, entraria em conflito aberto com sua concepção da realidade. O impasse foi resolvido dentro da lógica hegeliana: o próprio movimento da realidade estabelece uma lei de [interpenetração] dos contrários, por meio da qual é possível compreender inclusive o elemento comum e sua validade como fator explicativo. Sem os elementos comuns, o próprio desenvolvimento acumulativo da cultura e as transições bruscas de um período histórico para outro, com as correspondentes mudanças de organização social motivadas pelas transformações das relações de produção, seriam inexplicáveis. Marx deixa isso bem claro na primeira parte da frase acima citada: "sem elas (as determinações comuns) não poderia conceber-se nenhuma produção [...]". (MARX, 2008, p. 24).

Note-se que ao explicar algo que passou, perde-se o que é novo, logo, o que temos que entender não é o passado, mas sim, o presente, que não é datado em termos de dias, semanas e assim por diante. Para entendermos a sociedade temos que estudar ela própria, com seus limites e possibilidades, pois os medos e desesperanças podemos assistir em todas as marcas de transformações pelas quais passamos, como é o caso do excerto acima.

3.5 Educação e o mundo do trabalho

A associação entre educação e trabalho inicialmente nos remete ao pensamento de que ambas as funções, a de trabalhar e educar, são atribuídas ao homem, como ser racional. Dentre as prerrogativas mais comuns que podemos elencar entre as relações que permeiam as estruturas do ambiente escolar, são as que estruturam as relações de poder e de trabalho. Nossa análise, nesse momento, foca na crítica da pedagogia libertária direcionada ao encaixe de classe, assim como a reflexão da realidade social sob uma perspectiva antropológica e direcionando ao entendimento paradoxal entre educação e trabalho e o quanto as relações de poder

⁸ Ver a tradução de Marx por Florestan: Introdução à economia política ou Método da Economia Política 1857

sufocam as relações de formação humana na correspondência com o “outro”, presente nos questionamentos da antropologia.

Portanto, o propósito é fazer uma interface entre essas relações voltadas à estrutura social capitalista que inclui um modelo de escola voltado à formação do mercado de trabalho e as perspectivas de futuro dos estudantes da escola públicas análogas ao processo de humanização. Assim, podemos apresentar a escola como um mecanismo de organização social, funcionando como um eixo da instrumentalização das classes de poder e manutenção da divisão de classes, mais especificamente da disciplina corporal como adequação ao meio. (BITTERCOURT, 2011, p. 38).

Quanto aos questionamentos antropológicos embasados na relação com o “outro”, que culminam nos problemas encarados dentro do ambiente escolar e que se subvertem, muitas vezes, em problemas de relações humanas, a disciplina e falta de uma adaptação social dada às premissas de uma sociedade que os formam para o mercado os isenta da sua própria alteridade⁹.

A cultura envolve as condições objetivas da vida, mas também os sentimentos, emoções e representações que se tem sobre o que é vivido. Assim, o que a cultura diz e o que está em jogo, não são as diferenças, mas a alteridade que constitui nosso mundo. Ou seja, as relações que nos constitui enquanto um nós coletivo. (GUSMÃO, 2011, p. 35).

Cientes da formação como historiador e o estudo da Sociologia como campo importante da via entre História e Educação, assim como as questões vinculadas às problemáticas do estudo, interpõe-se a questão mais diretamente relacionada entre as relações de trabalho e a educação. Estabelece-se, também, a relação com as práticas da Antropologia como metodologia de pesquisa e aplicação teórica que, sobretudo a História e Sociologia, venham a incorporar. Para além de um debate acadêmico, tem-se a importância do entendimento das relações humanas nos processos educativos, como o debate em torno das significâncias das ciências humanas e meio ao espaço político e temporal na escola, como seu papel

⁹ O conceito de alteridade, assim como a problemática estabelecida na relação com “outro” são temas atribuídos e questionados através da Antropologia, segundo Gusmão (1997) a relação intrínseca entre antropologia e educação nasce antes do estabelecido na década de 1970 nos processos históricos de aculturação que se desenvolveram na própria História do Brasil e que culminaram no etnocentrismo sobreposto as culturas dominadas. Para Tosta (2011, p. 236.) Educação e Antropologia possuem a mesma matriz pensando relacionada ao Humanismo, e em junção trazem a questão mais direcionada a Antropologia: relação com o “outro”, que subsidia as discussões sobre os processos de alteridade dentro do ambiente escolar.

na formação de um cidadão crítico, na reflexão acerca do conhecimento em detrimento dos processos históricos-políticos contemporâneos.¹⁰

O anseio é fazer uma reflexão da escola como um ambiente vívido das relações sociais e humanas e entendê-la como uma rede de complexas teorias que ligam o ser e o fazer a História e a Educação nas teorias pedagógicas, sobretudo as correntes libertárias de Paulo Freire, assim como também, analisar os discursos utópicos das mesmas em vista dos parâmetros e perspectivas advindas dos próprios estudantes. Afinal, a escola, mesmo dentro dessa perspectiva tecnicista e mercadológica que introduz toda a rede de regras, disciplinas e moralidade, pode ser mais inclusiva e acessível a eles? Acima de tudo na figura do aluno trabalhador?

Dentre todas as formas de pesquisa acadêmica, as metodologias utilizadas sempre se voltarão diretamente na proporcionalidade do objetivo, que é a importância de análise das relações humanas através da resposta de todas as questões teóricas levantadas advindas do objeto de estudo: os estudantes das escolas públicas, tendo em vista suas perspectivas de futuro, sendo a escola um agente motivador ou não. A partir disso, se voltar aos questionamentos que asseguram uma construção do que seria a educação, em um segundo momento, para além da pesquisa acadêmica embasada nas teorias e premissas, mas centrada nas respostas advindas dos próprios estudantes, com as suas próprias construções empíricas.

A institucionalização da escola apresenta, em sua gênese, uma modalidade de educação que se voltava à fórmula contrária da produção, provinha do grego e se traduzia como “ócio” e “tempo livre”, ou seja, trabalho e educação eram duas coisas distintas e separadas. A partir da transformação da educação, em conjunto com o processo que dividiu a sociedade em classes e aprofundou a divisão do trabalho, a sociedade se dividiu entre a classe dominante, que dispunha de tempo livre, e a classe dominada, que era destinada ao trabalho, e a educação passou ser uma ação espontânea da sociedade. Outro ponto a se destacar em análise da influência dos modos de produção na construção da educação, é o recorte histórico da Revolução Industrial, onde também se organizou uma Revolução Educacional em que o padrão escolar passou a ser definido pelo processo produtivo (SAVIANI, 2007, p. 156).

¹⁰ Refiro-me diretamente aos processos políticos atuais e o papel da Ciências Humanas como aporte de conhecimento relacionado ao viés político e crítico em uma temporalidade onde tramitam a existência do Projeto de Lei 867/2015 que institui diretrizes e bases para a educação nacional intitulado “Escola Sem Partido” (FERREIRA, 2015).

O modo de produção capitalista provocará decisivas mudanças na própria educação profissional e colocará em posição central o protagonismo do Estado, forjando a ideia da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória, cujas tentativas de realização passarão pelas mais diversas vicissitudes. (SAVIANI, 2007, p. 157).

É necessário, dentro do campo de estudo sobre a escola contemporânea e suas demandas, entender a relação que os estudantes têm com o trabalho. Sendo ele um dos principais fatores que englobam as premissas dos estudantes do ensino médio brasileiro, é preciso, acima de tudo, reflexionar o quanto a relação mercadológica relacionada ao tema se sobressai sobre as relações humanas no propósito de educar. Como expressa Freire (1996, p.81.): “A liberdade do comércio não pode acima da liberdade do ser humano”.

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder. (FREIRE, 1996. p.79).

A relação com o trabalho é marcada pela predominância da pedagogia liberal, sendo ela moldurada através da adaptação do indivíduo a aprender os valores e normas através de uma cultura individual, difundindo uma ideia de homogeneidade. Esse aspecto cultural leva a crença de iguais oportunidades e esconde o próprio recorte de classes (LIBÂNEO, 2012, p. 7). Quanto à relação da pluralidade cultural, o Estado, assim como os meios de comunicação, tem disseminado a falsa interpretação brasileira através da ideia de homogeneidade cultural. Durkheim expõe que cada sociedade possui um “ideal de homem”, o qual a educação estará submissa. É por meio da educação transformadora que o “ser individual” se transforma em “ser social” e essa estrutura somente funciona quando estabelece um mínimo de homogeneidade (apud FILLoux, 2010, p.15).

A comparação da educação com a sugestão hipnótica, cujo poder é notório mostra o quão potente são as armas do educador. [...] Longe de nos sentirmos desmotivados face à nossa impotência, devemos mais é ficarmos espantados com a extensão do nosso poder. (DURKHEIM, 2011, p.79).

A educação, portanto, é um instrumento de poder. É formadora de pensamentos ou, nas características específicas, de mão de obra especializada.

Logo, em um propósito inicial, a relação que a escola, na figura dos estudantes, possui com o trabalho é de atender essas demandas. Nesse ponto em especial, é necessário considerar o recorte dos estudantes das escolas públicas em geral, do conhecimento empírico acerca do funcionamento das mesmas no sentido da demanda ao mercado, sobretudo na formulação do ensino médio, pois é onde a relação direta com o trabalho se torna explícita:

Assim, no ensino médio já não basta dominar os elementos básicos e gerais do conhecimento que resultam e ao mesmo tempo contribuem para o processo de trabalho na sociedade. Trata-se, agora, de explicitar como o conhecimento (objeto específico do processo de ensino), isto é, como a ciência, potência espiritual, se converte em potência material no processo de produção. (SAVIANI, 2007, p. 160).

A análise etnográfica utilizada para revelar o que aqui expressamos e advinda da antropologia, possibilita uma rede de grandes metodologias mais aplicáveis à realidade dos estudantes da escola pública. Para isso, é necessário, de antemão, haja uma proximidade entre docente e discente, mas compreender a escola como um objeto de estudos engloba o entendimento da importância do contato como desenvolvimento da construção da alteridade no ambiente escolar. Pressupor inicialmente um universo simbólico, assim como reduzir toda a pesquisa a uma mesma linha e paradigma é repercutir ainda mais com o discurso das classes dominantes.

Além se debruçar, também, nas semelhanças através da identificação entre o pesquisador e a pesquisa em si, é necessário, ainda assim, entender a realidade como algo mais complexo na formação do conhecimento (FONSECA, 1999). Nem tudo que nos parece familiar é inteiramente conhecido por nós mesmos (VELHO, 2003, p.13). Sendo assim, a temática relaciona a etnografia como um campo de estudo de análise que institui linhas de pesquisa, sendo elas mais flexíveis na moldagem das metodologias a demanda da escola. Somente a discussão teórica no meio acadêmico não inclui todas as possibilidades encontradas nos saberes de quem compõe a escola, é necessário o contato com o estudo antropológico, pois o propósito do trabalho é justamente a rede de relações, sendo elas sentimentais, epistemológicas, disciplinares, dentre outras que compõem o contato como algo inerente ao entendimento das mesmas.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996 p. 32).

Outra questão importante que se segue anteriormente ao contato com o ambiente escolar, é na pesquisa regionalizada da comunidade envolta a escola, sendo ela um fato importante na construção da história e dos conhecimentos adquiridos, essencial antes do contato direto ao meio. A pesquisa etnográfica no projeto não se constitui em considerar os estudantes como tabelas de recolhimento de dados, mas sim, na construção de teorias, reflexões e possibilidades na visão e na perspectiva dos mesmos, afinal, a escola deveria ser construída por eles, para ser, de fato, para eles.

Diante do exposto, da problemática abordada tendo vista do entendimento da complexidade de se estudar educação no âmbito de relação com o trabalho, é inerente que haja uma formação social capitalista. Os questionamentos e reflexões a serem concluídas durante o estudo se voltam à construção humana da educação, à realidade dos estudantes e da comunidade, construída e debatida por eles, como forma de associação e consciência coletiva, mesmo em um micro espaço. Essa parte de construção para eles reflete na forma de pertencimento e reconhecimento dentro da escola.

3.6 Tecnologia: mais que procedimentos

Ao pensarmos nas mudanças ocorridas na rede mundial de computadores percebemos uma transformação na velocidade e na forma de conceber as informações. O que era apenas um banco de dados de difícil acesso nos anos 1980, a partir da década de 1990, se transforma em outras formas de pensar o conteúdo agora disponível na web, fato que aumenta a capacidade de acesso. Todavia, mesmo com o banco de dados em 2000, há interatividade e incompletude, ou seja, o conteúdo não está totalmente acabado, podendo receber contribuições.

Hoje, quase duas décadas depois do início do século XXI, a escola ainda não se deu conta de que seu papel não é mais de transmissor de conteúdo, mas sim, ensinar a aprender: esse é o desafio! Cabe ao docente entender e formalizar o mundo, o que chamamos desde que o homem começou a pensar sobre si e seus processos, de busca da verdade.

Mais que a linearidade do caminho, a sinuosidade da colaboração. Colaboração para que? Qual o propósito da educação? Somente a partir da conexão de elementos dispersos podemos vislumbrar os propósitos para educação do século XXI. Apesar dos princípios de autonomia que aparecerem nos planos pedagógicos, eles raramente estão presentes nas salas de aulas das escolas, o cidadão crítico se encontra na sala do diretor/coordenador. Educação é processo, é vir a ser.

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodologicamente rigorosos, uma *ruptura*, mas uma *superação*. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. (FREIRE, 2011, p. 32, grifo nosso).

Podemos separar os conhecimentos em dois tipos, modo clássico ou newtoniano em que o conhecimento existe no mundo acadêmico com cadeias disciplinares, mecanismos hierárquicos de validação interna, no modo em rede e a aplicação define a necessidade do conhecimento, neste a multidisciplinaridade é regra, a qualidade e a relevância definida e delimitada externamente, os usuários, clientes e consumidores definindo as agendas de conhecimento. Por isso é mais qualitativos estudar na web que assistir reproduções em sala de aula, entendendo que estudar em rede pressupõe um dinamizador, um professor, um facilitador, ou outro conceito qualquer. O interlocutor em sala de aula com os alunos, hoje, é qualquer “coisa”, mas não professor.

O uso de estratégias direcionadas ao desenvolvimento de tecnologia para desenvolvimento educacional e práticas pedagógicas inovadoras no ensino público brasileiro está entre as metas do Plano Nacional de Educação sancionado em 2014 (BRASIL, 2014).

No entanto, ainda hoje, esta não é uma realidade brasileira, entre os motivos estão a falta de estruturas das escolas e a capacitação dos professores, apenas a metade das 151.871 mil escolas públicas do país possui acesso à internet.

Que políticas públicas podem tornar o uso das tecnologias uma realidade nas escolas? A tecnologia chega à escola como o livro didático, como material pronto, sem, no entanto, transformar as práticas postas no ambiente escolar. Devemos criar um novo conceito de aula, de conteúdo conceitual. Ter evidente o que é trabalhar competências na contemporaneidade e como avaliar o aluno a partir

destas referências. Não havendo transformação nestas áreas deixa de ter sentido o uso admirável que a tecnologia pode proporcionar (CETIC.BR, 2015).

As novas tecnologias não comparam com o aluno expectador ela necessita de um aluno protagonista. A política pública tem o papel de dar visibilidade para o protagonismo de escolas para que as práticas sejam disseminadas.

A falta tecnológica na educação é por conta da infraestrutura? Não! O que impede a utilização e a utilização das tecnologias são as superestruturas, mas enquanto elas não se transformam os docentes devem encontrar meios de sobrevivência nessa sociedade. Numa forma colaborativa de educação prescinde das ferramentas, as ferramentas são meios e não fins para que a colaboração possa ganhar níveis exponenciais. Mesmo em locais sem energia elétrica podemos ter ambientes contemporâneos de ensino colaboracionista.

Mais ainda, se nas escolas ainda temos problemas com acesso, como outras pesquisas (IBGE) mostram que a população tem, cada vez mais, acesso a rede mundial de computadores, logo estamos prestes a inverter a pirâmide educacional onde o professor está deixando de ocupar o lugar proeminente na hierarquia do saber. Na sociedade contemporânea, não há lugar para ponto difusor de saber, mas sim para um rizoma, pois a aprendizagem é social.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe, sempre $n-1$. [...] Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, e a erva daninha. [...] Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. (DELEUZE, GUATARI, 2010, p. 15).

Ainda sobre a questão da infraestrutura, nossas análises estão ligadas ao acesso à internet, desconsiderando os dispositivos off-line, que podem ser usados sem prejudicar a qualidade do ensino/aprendizagem. O acesso à internet possibilita a troca de informação em escala global, mas na ausência dela podemos da mesma forma possibilitar estas trocas, ainda que em escala menor, o que é chamado de educação colaborativa.

Assim, ao pensarmos na aprendizagem colaborativa não estamos somente nos conectando à rede, mas também, fazendo sua leitura, pois sem leitura, a rede também passa a ser centro de difusão de um modelo para um receptor passivo.

Salienta-se que, nessa abordagem, não há preocupação com a avaliação individual, mas com uma avaliação que conduza o processo. Nossa educação, por estar centrada na avaliação individual restringe os momentos colaborativos. Como forma de apresentação didática da colaboração aqui entendida, temos os mapas conceituais, a partir de uma representação do conhecimento/aprendizagem de forma gráfica mais perto do processo colaborativo de aprendizagem em grupo que pretendemos utilizar para a intervenção na educação atual.

A teoria da aprendizagem significativa dar o aporte teórico para essa construção, proposta por David Paul Ausubel (2003) e revista pelo próprio autor em 2000, que se complementa pela teoria educacional de Novak, que é o proponente dos mapas conceituais complementando a proposta de Ausubel, com elementos humanistas na interface com o cognitivismo.

Os processos colaborativos podem ser descritos de diversas maneiras, as construções colaborativas de conhecimento (CCC) mostram como organizadores gráficos e mapas conceituais podem ser úteis para favorecer e facilitar o trabalho em grupo. A primeira etapa é a externalização como capacidade dos indivíduos representarem seus conhecimentos, a fim de serem passíveis de negociação de outras pessoas. A segunda etapa é a elicitación, onde ocorre a colaboração entre as pessoas do grupo, troca de impressões e significados entre ela, que são mediadas pelos mapas conceituais. Por fim, a última etapa é a busca de consenso: resolução da tarefa que o grupo tinha em mãos.

Cabe ao professor ter um projeto estruturado de partida e chegada, considerando percursos diversos e ainda a possibilidade de novos advindos do grupo, chamado aqui de modelo de conhecimento, conjunto de mapas conceituais “linkados” por hyperlinks, é aqui que a tecnologia aparece como aliada.

A proposta é apresentar mapas conceituais digitais utilizando a ferramenta *Cmap Tools* com objetivo de utilizar grande quantidade de informação e pessoas. A avaliação pode ser sugerida em três momentos: primeiro os recursos mobilizados para o problema; segundo, a forma de externalização e elicitación, e, por último, a construção de mapas conceituais pelo grupo, compreendendo o princípio da aprendizagem colaborativa.

3.7 Aprendizagem Significativa

A significância na aprendizagem não pode ser medida ou dosada, o que temos como norteador são as relações que a educação/aprendizagem constroem ou destroem. Logo, se o objetivo da educação é produzir indivíduos mais competitivos, deve incentivar as práticas colaboracionistas, para que, a partir destas os “melhores” possam se destacar. Mas invés disso, temos produzidos indivíduos incapazes que se fecham em redutos individualistas, acreditando serem detentores de um saber exclusivo.

Além de a aprendizagem ser significativa, há elementos programáticos facilitadores dela: a diferenciação progressiva (ideia geral que será diferenciada em termos de detalhes e especificidades), a reconciliação integradora (atenção para diferenças e semelhanças), a organização sequencial (sequenciar os tópicos de aprendizagem observando os passos anteriores para a matéria de ensino) e a consolidação (domínio respeitando a progressividade antes da introdução de novos conhecimentos).

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 2007 p. 24).

A tecnologia desmanchou as estruturas até então existentes, o desafio, agora, é fazer acordos para entender qual caminho leva às nossas realizações educacionais, chamados sistemas integrados, uma interface de círculos que se tocam:

Eu queria dizer uma coisa que eu não posso sair dizendo por aí
É um segredo que eu guardo é uma revelação
Que eu não posso sair dizendo por aí.
É que eu tenho medo de que as pessoas se desequilibrem delas mesmas.
Que elas caíam quando eu disser.
É que eu descobri que a palavra não sabe o que diz.
A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa.
A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada.
Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.
Quando existe acordo existe comunicação,
Mas quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada,
Mesmo usando as mesmas palavras. (MOSE, 2005, p. 17).

Assim, para uma escola e uma aprendizagem significativa temos que vislumbrar que a instituição, como apresentamos acima, só “gosta” de quem sabe, pois esses fortalecem-na em sua vaidade, enquanto quem não sabe mostra como a escola é incapaz de apresentar um plano de ensino consistente para nova geração de aprendizes. Professor que não considera as condições atuais de estrutura e de sujeitos acaba por produzir bolsões de exclusão.

A escola pode fazer muito para quem não sabe!

4 DO PROCESSO DE CARTOGRAFIA

Os resultados foram apresentados na forma com que foram coletados, para que assim o leitor possa, também, visualizar o percurso e as possibilidades que o campo nos ofereceu: uma observação anual da gestão (coordenação e direção) e da docência (professores de História), ministrando aulas e participando das atividades extra sala de aula. Foi realizado um trabalho de campo que compôs todo o trabalho escrito, logo em todos os capítulos estão o resultado da recolha de dados. O que é aceitável para a pesquisa etnográfica, que mais que dados mostra o percurso.

Definição dos participantes: Dois professores de História que lecionavam no Ensino Médio, bem como seus discentes, como a preocupação foi do fenômeno, a adesão foi coletiva, apesar de ter passado pelo Comitê de Ética, foi dispensado o termo de consentimento por não haver dano.

Foi apresentado o plano de trabalho para a escola no começo do ano de 2015, no planejamento escolar. Foi proposto pelo pesquisador que os interessados (professores) pudessem, no momento do café passar os contatos para maiores explicações. Assim transcorreu.

Após o planejamento quatro professores foram selecionados e dois compuseram a pesquisa, esta seleção se deu pela quantidade de aula que o docente ministrava na escola, e pela proximidade com a abordagem do pesquisador. Os docentes já estavam trabalhando de maneira diferenciada com seus alunos. Mesmo que centrados nas habilidades e competência, estes profissionais estavam inquietos com os rumos educacionais.

Os alunos foram convidados na primeira semana de aula. O convite foi para toda a turma dos três anos do ensino médio. Como não haveria pesquisa individual os discentes concordaram com a pesquisa. Muitos foram os momentos coletivos, no princípio os discentes não se envolveram, mas ao longo do ano as atividades ganharam intensidades. A proximidade dos grupos possibilitou algumas oficinas de esclarecimentos: forma marcados fórum para discussão sobre o grêmio escolar, movimento feminista, escola sem partido e comemorações da unidade escolar. Em todas as situações eram os discentes os protagonistas para apresentarem os conceitos e os encaminhamentos

4.1 Ambiente

A observação no campo contou com a participação de duas coordenadoras, um gestor e dois docentes de História- um homem e uma mulher, acompanhados no seu cotidiano em sala de aula e em Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC). A seleção dos professores se deu observando os seguintes critérios: ser graduado em História e lecionar em escolas públicas estaduais de Franca, especialmente no Ensino Médio.

Os professores possuem carga horária completa na escola escolhida para a pesquisa, 32 aulas semanais, não possuem especializações acadêmicas, salvos alguns estudos oferecidos pelo Governo do Estado, via secretaria de educação. Mesmo assim, são comprometidos com as intervenções em sala de aula. No que se refere ao tempo de atuação no magistério, os dois possuem duas décadas de trabalho na docência, além de trabalhos anteriores na iniciativa privada.

A escolha pela carreira docente é composta por várias motivações, que vão desde a paixão pela licenciatura, até a possibilidade de um emprego mais rentável que o anterior. Assim, podemos verificar que os docentes foram motivados por exemplos de outros professores, além de terem sido direcionados pelo mercado de trabalho- dado muito revelador para pensarmos os estudos após a efetivação no cargo público. Os docentes, independente do momento e do cargo que ocupam na instituição escolar, relatam o desejo pela docência antes da graduação. Todos (as) os envolvidos revelam as facilidades na área escolhida e os bons exemplos que encontraram.

Mesmo o desejo de se profissionalizar trazia incertezas para nossos sujeitos da pesquisa, pois não estavam seguros sobre os provimentos e cotidianos da profissão, o que “desnuda” a opção pela carreira e está muito próxima do momento vivido por cada um. Para refletirmos sobre a formação dos docentes, foram analisados documentos: aulas preparadas, aulas ministradas, projetos concluídos, currículo e participações em ATPC.

Cerca de 150 alunos foram testados no início do projeto, foram analisados documentos institucionais e aplicado algumas avaliações para diagnóstico, 10% apresentavam níveis adequados de proficiência, ou seja, capacidade leitora e escritora. Essa categorização ocorreu no ano de 2014. Em 2015 foram organizados os grupos para o direcionamento dos estudos. Nesse momento contamos com ajuda

de voluntários para que pudéssemos fazer uma triangulação de dados, para que os discentes fossem bem avaliados, segundo suas aptidões, ou seja, a situação que os mesmos se encontravam, o caminho que deveriam trilhar, e, por fim, o escore final constituído a partir do que é cobrado nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Cada ano do Ensino Médio foi dividido em grupo por áreas do conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciência da natureza e suas tecnologias e ciências humanas e suas tecnologias, com foco nesta última área.

- 1º- Todos tinham orientações sobre as bases propedêuticas, operacionalização matemática, leitura e escrita;
- 2º- Foco no grupo de ciências humanas e suas tecnologias, aprofundamento;
- 3º- Troca de conteúdos, feita pelos estudantes, para multiplicação das aprendizagens;
- 4º- Realização de provas institucionais: Internas e externas;

O resultado foi satisfatório no primeiro ano da aplicação, 2015, com ganhos satisfatórios em níveis de proficiência. Em 2016 com a aprovação de um aluno do 3º Ano no vestibular, os grupos intensificaram seus estudos e, na próxima avaliação, houve um acréscimo de 20% na proficiência dos discentes.

Contrariamente a isso, o segundo semestre de 2016 foi o momento de testar o projeto em outra unidade, onde não apresentou o mesmo resultado, mesmo depois de seis meses, a aplicação não trouxe modificação na proficiência dos alunos, nem na proficiência dos mesmos.

Não obstante, a pesquisa foi finalizada com o retorno do pesquisador à primeira escola, onde os discentes que iniciaram o estudo estavam no 3º Colegial, após analisar cadernos de sala, provas bimestrais e provas dirigidas e os escores obtidos no ENEM, não havia mudança nos índices de proficiência, ou seja, os discentes que hora tiveram altos ganhos tinham retornado a média nacional, abaixo do básico. Donde depreendemos, entre outras coisas, que o ensino não é instrumental, não há formulas que transforme a realidade. Nosso trabalho é real com pessoas reais, as mágicas são chamadas exceções, e a regra chamamos de desafios.

Logo, não podemos relatar que não houveram progressos, tão pouco podemos dizer que temos rotas para a aprendizagem. Podemos sim, ao contrário, dizer que cada investimento tem um retorno, que não podemos precisar o momento que virá e que a educação é uma tarefa coletiva

5 PERCURSOS E ROTAS

As conclusões do trabalho situam em 90% de ganho das aprendizagens das habilidades leitoras e escritoras, que não são replicáveis. Em uma breve leitura, salientamos que na realidade docente não há protagonismo, na função que ocupam, pois são peças esquecidas pela instituição e relegadas pela sociedade.

É inegável que a escola tem um papel social importantíssimo, e que todos ou a maioria adentram o ambiente educacional para serem transformados, mas o imobilismo social/institucional suga a todos.

Seria enganoso se, ao invés de abrir a não aplicabilidade da pesquisa, mostrássemos aqui um grande salto educacional proposto pelo estudo. E que, para que resultados similares ocorressem, caberia a cada protagonista.

A culpa não foi a preocupação da pesquisa, se o trabalho tem contribuições sociais e educacionais, está no âmbito da ética. Ética como valor central, em uma sociedade corroída pela descrença.

O estudo aqui apresentado foi realizado durante quatro anos em uma escola periférica da cidade de Franca, todos os envolvidos estavam direta e indiretamente vinculados ao Ensino Médio. A tese seguiu o projeto inicial em: categorizar os participantes, elencou elementos e projetou uma proposta (forma de potencializar a aprendizagem). A princípio, o resultado foi animador, com melhoria do ensino e aprendizagem, a partir de habilidades leitoras e escritoras, estas foram testadas por meio de avaliações internas e externas, inclusive de vestibulares (teste social), em todos os níveis do Ensino Médio.

O que nos pareceu um caminho a ser seguido, na aplicação do projeto em um grupo de controle, mostrou que as ações educacionais hoje, no limiar do século XXI são inócuas e pontuais para o todo institucional. O que fazemos fica circunscrito à turma e ao professor, sem possibilidade de replicação. Assim, não há como pensar em um ensino centralizado, podemos sim, ter uma base curricular comum, mas isso pouco ou nada significa para a educação brasileira.

A prática cotidiana tem um misto de reprodução e alienação docente e discente. A partir da crítica proposta em todo o trabalho de que a educação institucional é um jogo com regras veladas, muitas críticas que não produzem efeito.

É certo que a educação está mudando, não que ela não transmutasse antes, mas as transformações na técnica produzem mais velocidades e intensidades. Após

a abertura democrática promovida pela Constituição de 1988 os discentes ocuparam um espaço como estrangeiros em própria terra, isso produziu efeitos danosos, como sentimentos de não pertença ao espaço escolar.

Hoje, após três décadas os discentes estão ocupando seus espaços, recusando toda e qualquer forma de poder que não implique na inclusão e participação dos mesmos. Ao adentrar o espaço escolar como pesquisador percebemos o quão profícuo são as atitudes discentes, mais ainda, a escola não pertence aos poderes institucionais. Seja qual for a crítica a geração de alunos do século XXI ele deve considerar que estes foram “produzidos” por uma sociedade excludente e violenta.

O protagonismo juvenil é um misto de niilismo e descrença, mas como acreditar em poderes excludentes? A resposta tem sido dada.

Se nós docentes quisermos ser mais com os discentes devemos considerar a possibilidade de desaprender, mas não só, devemos também partilhar de rotas e construções. Nada mais do que preconiza a educação para o século XXI. Aprender a aprender. Mas a comunidade escolar, que aí está, está farta de discursos e querem mais e ser mais.

5.1 O discente como parte de um coletivo

Como apresentamos no presente trabalho, há discentes que, não raro, em decorrência da cultura escolar, estão ocupando um lugar físico na escola. Fazem de suas ações algo mecânico, não adentrando o que concordamos como:

Quando um indivíduo não consegue dirigir conscientemente sua vida como um todo, incluída como parte desse todo a vida cotidiana, o que acontece é que sua vida como um todo passa a ser dirigida pela vida cotidiana, o que poderia ser intervenção do protagonista, passa ser passividade. (COSTA, 2015, p. 71).

Sabemos que uma pequena parcela de discentes atingem os resultados esperados, mas, grande parte dos inseridos no processo educacional ficará pelo caminho, pois não têm “méritos”, lê-se, não se dedicaram por isso não conseguiram, fim pragmático da educação. Aqui observamos que os alienados não foram aqueles que ficaram pelo caminho, mas sim aqueles que atingiram todos os escores preconizados pelos organismos educacionais. Como salientado, há discentes que se

preocupam e buscam um sentido/significado de suas práticas, pois, acreditam no espaço e nos atores envolvidos na trama educacional, sempre se apropriando dos saberes que possuem, mobilizam-nos cotidianamente e, até mesmo, produzindo novos.

Mesmo com resistência pessoal não é difícil pensar a educação em termos administrativos, como por exemplo, a eficácia e a eficiência no ambiente educacional: fazer o que é preciso com menor recurso e dano. A partir de uma matriz de referência de gestão (COVEY, 2004), baseada na forma que um ex-presidente dos Estados Unidos Dwight D. Eisenhower tomava suas decisões em relação as empresas e grandes corporações, assim estas construíram suas matrizes de controle do tempo para atingir resultados notáveis.

Só que a educação se apropriou da mesma estratégia com muitos vieses e, além do mais, buscando um fim que se esvai em si mesmo. Aceitada a proposta procuramos pensar o conceito de urgente e importante aplicado à educação.

Há situações educacionais que são urgentes, mas não importantes: como por exemplo, um aluno que esqueceu seus materiais ou não trouxe porque não quis, ou ainda, uma “guerra de maçãs” no pátio da escola. São situações que exigem tomada de decisão para o processo de ensino/aprendizagem, mas não macula o resultado final. Por outro lado, há situações que são importantes, mas não urgentes: como por exemplo, discentes analfabetos, que sofrem as mazelas das expressões da “Questão Social”, docentes que precisam se capacitar para os desafios do tempo presente, estas apesar de não travarem o “bom” andamento cotidiano, solapam as mais tímidas projeções de futuro. Se por um lado, há questões urgentes, os gestores educacionais devem delegar a quem é competente para que tomem conta da situação, já o que é importante é o plano estratégico do docente deve ser concretizado para que as realidades institucionais possam se transformar, e essa metamorfose possa trazer um ganho qualitativo onde já houve ganho quantitativo.

Nossa formação e visão social, como docente, precisa ser ampliada, mas por não ser urgente, nosso plano estratégico, tem ficado para o futuro, só que os desafios estão batendo à porta. O problema não é a administração invadir a instituição educacional, mas sim não apropriarmos dela em prol daqueles que ali estão. Quando o importante se torna urgente fazemos a “toque de caixa” e como é importante e complexo não damos respostas e proposições satisfatórias. Como resultado culpabilizamos, no mais das vezes, a quantidade de discentes e sua

volição. Entretanto, esse trabalho apresenta documentos em anexo que desqualificam essa fala.

Logo, delegar o que é urgente e fazer o que é importante.

Em tempos atuais, abordar a temática do Ensino de História com os discentes de ensino médio, exige cautela para não cair no *mais do mesmo*, ou seja, eleger uma porcentagem de discentes que, historicamente dão conta da realidade escolar e deles justificar o trabalho, de maneira desarticulada. É necessário, então, eleger esses, para que a partir daí possamos estabelecer práticas inclusivas que avancem na direção do todo, sem desconsiderar que há muitas mudanças estruturais necessárias para a efetivação de uma proposta educacional para os educandos.

Contudo, temos que considerar a melhoria na qualidade do ensino e a inclusão da classe trabalhadora no ambiente escolar, em todos os níveis. Existe toda uma estrutura onde é possível perceber as mazelas que tem habitado a instituição escolar: salas com números exacerbados de discentes, indisciplinas, entre outros problemas, que devem ser considerados ao falarmos de melhoria e qualidade do ensino. Todavia, esse assunto não é o objetivo principal deste trabalho.

O objetivo e a aplicação da intervenção vêm demonstrar que a educação não é um gueto exclusivo de uns poucos, como historicamente apresentado no Brasil. A Constituição de 1988 inaugurou a escola universal, coroada com a LDB 9394/96. Isso não é pouco! Queremos, agora, potencializar a universalização, atingindo o que se espera para a mesma: no primeiro momento, satisfazer os mecanismos governamentais que mantêm a estrutura educacional, e, posteriormente, uma educação integral, que coloque o docente e discente no processo histórico, e não só como pacientes a espera de diagnósticos e prognósticos.

A prática cotidiana é mais que meros atos, ela vislumbra um método de apreensão da realidade. Quando houve uma “guerra de maçãs” no intervalo escolar a celeuma estava posta, conversas com alunos se deram em tom ressentido, houve pedidos para que os professores apresentassem ideias para a resolução, entre outros encaminhamentos internos. A proposta mais cotada foi convidar os pais que tivessem disponibilidade para participar dos intervalos, inclusive daqueles em que seriam oferecidas de lanche, as maçãs.

Podemos fazer um paralelo com o que está ocorrendo a partir da leitura dos livros rosa e azul, aparentes estereótipos encontrados nos livros de leitura geral e

paradidáticos. É preciso, então, com um indicativo urgente, dar às pessoas capacidade de decidir e viver suas escolhas - conceitos bem próximos do que preconiza a educação do tempo presente.

Para podermos escolher entre uma coisa e outra, temos que conhecê-las e cada escolha traz consequências, cabendo a nós lidar com elas. Esse é o preço da aprendizagem. Enquanto na escola, os pais começaram a frequentar os intervalos e observar seus filhos e filhos dos outros, primeiro de forma inibida, causando estranheza nos discentes, depois, passaram a fazer parte da cena. Foi nesse momento que vi uma mãe bem-intencionada que apanhou uma maçã e colocou no lixo. Indagada por mim o motivo do ato, disse: “Educamos pelo exemplo! ” Foi enfática. Nada mais clichê, mesmo assim, arrancou suspiros na sala dos professores e coordenadores. Em pouco tempo, com os pais coletores, já não havia nenhum resto ou vestígio de lanche escolar no chão da escola, adultos amparando seus filhos. Posteriormente, os pais foram convidados para uma reunião, houve um café comemorativo de agradecimento e a rotina escolar voltou ao normal.

Quando o governo do estado de São Paulo ofereceu maçãs para o lanche após três meses, novamente houve “guerra de maçãs”. Sem nenhum comentário, a equipe de limpeza, limpou tudo. Nada de novo embaixo do sol.

Quantos pais estão estarecidos com o labirinto dos livros rosas ou azuis e, até mesmo, com a educação escolar dos filhos, ainda fazem a cama do filho(a)? Arrumam seus materiais escolares, mesmo sem saber se os materiais acompanharam seus filhos? Põem a mesa e guardam o prato, mesmo quando foi deixado na sala por aquele (a) que se recusou sentar à mesa? Quantos pais, ofendidos com o labirinto azul, ensinam suas filhas a cozinhar e a serem silenciosas e delicadas e, ainda, dão lição de como ser homem para seus filhos que, logo, não podem chorar? Enfim, recolhem maçãs nos corredores da escola.

É na Educação que se muda o mundo. Na educação pequenina do cotidiano, naquilo que somos enquanto mães, pais, professores, dentro e fora da sala de aula. Mais que currículos sistematizados, mulheres e homens que habitam uma sociabilidade, mostrando o mundo, o azul, o rosa, as maçãs e ensinando a pensar e decidir.

Não há um plano educacional para a educação cotidiana, aquela composta por gente de verdade. A instituição ainda dita como e quem vai educar tudo idealmente, e as pessoas reais são meramente esquecidas no pátio, na sala de

aula, na sala dos professores, na direção ou em todos os redutos escolares. Somos complacentes e omissos e chamamos isso de “aprender horizontalidade. Todavia, na horizontalidade, há aprendizado e ensino, enquanto que, de onde estamos assistindo, não.

Não somos capazes de deixar os discentes tropeçarem nas maçãs, experimentar uma formação coletiva num ambiente coletivo da escola. Paradoxalmente, nenhum ator no palco escolar se sente parte do mesmo. Não é fazer ou não fazer, a dicotomia do sujo/limpo, educado/não educado, liberdade/imposição, rosa/azul, sem, no entanto, irmos à raiz do que isso quer dizer.

Que mal tem em deixar que os discentes limpem seu ambiente? Escolher que livro ler? Ser princesa ou uma mulher forte? Ou as duas coisas? Pode? Cabe a nós escolhermos? Que educação horizontal é essa em que os educadores, pais ou professores, escolhem? Se tivermos um plano educacional não importa se o coletivo seja responsável pela limpeza após a “guerra”, e, ainda, se é azul ou rosa, “girly” ou “bossy”. Numas coisas somos competentes e capazes, noutras frágeis e incompetentes. Isso cheira educação!

Noutro dia a escola criou um dia para expressão, por conta de uma situação de aprendizagem que relatava a falta de liberdade de expressão na ditadura. Neste dia poderiam colar cartazes para sua livre expressão, o indicativo era que ficassem à vontade. Assim, um cartaz que me chamou atenção: “Para lavar louça precisamos de água, sabão e esponja, não de vagina!”. Coincidentemente, na universidade na qual estou diariamente: “Minha vagina, meu poder!”. Aqui não estabelecerei dicotomias, como tenho presenciado nos círculos mais diversos de professores, discentes, pais e entre outros, mas salientarei que o universo educacional é um Universo a ser explorado não codificado, formalizado segundo regras exteriores a ele.

Se isso ou aquilo, machismo ou feminismo, “ou” ou “e”, não importa! O problema é que existem pessoas preocupadas em serem os policiais do certo e do errado, esticando os limites da tolerância e da liberdade até que desapareçam e o mundo seja um lugar sem sal e sem açúcar. A lição escolar de filosofia acompanhada na referida pesquisa dizia que o limite de uma coisa é seu contrário, verdade?

Padronizar e ditar regras sociais são funções escolares por séculos, e hoje assistimos perplexos a algumas atitudes que insistem a fechar os olhos para

mudança que “bate à porta”, assim a omissão escolar funciona bem. A padronização aproxima todos e os escores das avaliações dão o veredito. Dadas às regras do jogo todos podem jogar, com menos ou mais habilidade/competência, não importa, isso é democratizar o ensino e o ambiente escolar. Se não temos uma educação que atenda ao tempo presente, temos tutela.

A Educação para o cuidado de si, pela diversidade irrestrita e pelo florescimento da potência de cada um, não importa o local que trama ocupe. Ser “um” enquanto mergulhado na magia educacional do encontro, sem trapaças e fingimentos, educação de corpo e mente presente, sem distância e solidão. À distância e a solidão, quando consentidas, podem compor, mas o lugar coletivo deve ser potencializado.

Planos educacionais são pretextos e não imperativos, todo plano é provisório, pois seu resultado comporta pessoas, as mais diferentes e diversas, toda provisoriedade só é, enquanto respeito ao outro que é o “eu” elevado a níveis exponenciais. Educação para pensar e para escolher. Deixe ficar as maçãs no pátio para que no encontro aprendam o valor do lugar de cada coisa. Respiramos bem fundo e acalmemo-nos. Isso faz parte de nosso cotidiano: a educação se faz educando.

Todo percurso pode ser provisório. A despeito das escolhas que cada vez mais exigem tomada de decisão rápida, somos vítimas e algozes, pois a maçã e o livro são possibilidades que estamos perdendo imersos nas nossas respostas dicotômicas. Padecemos da “Síndrome de Irlen”, aquela que deixa passar mais informações na nossa retina do que podemos processar, na educação há tantas imagens que se confundem e se sobrepõem. O convite é para uma dieta informacional, tutelar e balanceada a partir de escolhas e experimentações na produção do novo, chamado Educação.

Se optarmos por um estudo longitudinal os dados apresentados para o ensino médio se confirmarão, pois, os docentes, em suas potencialidades que cada área propicia estão deixando suas especificidades para administrar, como empresas, os processos de ensino e aprendizagem. Até mesmo os termos como recorte temporal, objeto de estudo, documentos são cada vez mais raros dando lugar a: planos, metas, escores, gerenciamento.

Estamos ansiosos para fazer algo pela educação, algo grande e transformador. Ao nos depararmos com os desafios educacionais com limites muito

bem estabelecidos, acabamos por ser transformados pela realidade, transformados em gestores ou administradores educacionais. Por ser uma realidade complexa, a educação escolar lega ao professor algo que o mesmo possa ter o controle de toda cadeia reprodutiva, as funções burocráticas: fazer planos, elaborar tabelas, junção por níveis de proficiência, entre outras.

Tenho demonstrado que a comunicação no ambiente educacional é muito precária e quem a faz de maneira proposta pelas unidades a faz por meio de um jogo de estímulo e resposta com questionários, modelos de provas externas, ou seja, as avaliações tomaram o lugar de uma proposta pedagógica que tem potencial transformador que cabe a educação, pois para um atendimento mais amplo das demandas educacionais e culturais devemos contar com uma mobilização da sociedade como um todo. A grande transformação citada anteriormente começa com passos que cada docente pode dar, mas o percurso deve contar com outros agentes sociais, porque a escola não é um átomo isolado na sociedade.

Quando o docente não ocupa seu lugar na instituição a avaliação, com vistas a responder aos organismos governamentais, ditará as regras e distribuirá as culpas. Ou é o discente que não quer ou a família que não apoia a escola. Produção de conhecimento e transmissão cultural na escola não pode se restringir a escores padronizados. Mas, o que, para o trabalho, foi a maior surpresa, é que a avaliação só se tornou o centro da pedagogia porque não há proposição dos envolvidos. Estamos num momento de clivagem, de questionamentos sobre as realidades escolares e após dez anos de currículo e índices, algumas tímidas propostas tem encontrado terreno fértil. Dentre elas, a busca do universo particular do discente para os recortes historiográficos. Fuga para a subjetividade individual.

O resultado foi surpreendente e inesperado. No plano de pesquisa constava que ao aproximar realidade discente e do recorte historiográfico seria possível que o protagonista fizesse relações causais e conjunturais. O que houve foi um descortinar de universos onde Kaio Fernandes relatou que mora com os avós porque a mãe não quis ficar com o mesmo depois que o padrasto castigou-o porque tem o mesmo nome do pai já falecido; Wallisson Fábio que foi espancado pela polícia sem explicação; Sílvia que estava triste porque descobriu pela mídia que é doente por ser homossexual; Agatha que os pais rejeitaram em São Paulo e os avós aqui em Franca não dão conta de seu comportamento; Kaike que é diagnosticado como doente mental, não tem cuidador, não escreve, não lê, fala com dificuldade e quer

participar das aulas de história, pois o docente se fantasiou de palhaço; para Brenda o sonho de fazer Serviço Social na Unesp Franca é parte das dificuldades vividas em casa com a separação dos pais, perda de benefícios sociais e vontade de ajudar quem se encontra em situação parecida; e entre tantos eventos um grupo de discentes atingidos pelas mazelas sociais, privados de seus direitos mais básicos como o direito à reprodução relataram que são contra os Direitos Humanos: “bandido bem é bandido morto”, “homossexual é gente sem vergonha”.

Reconheço-me em cada um deles, e foi a escola, essa e não outra, que em algum momento olhou para mim. A frase lapidar de que a escola não foi feita para os menos favorecidos economicamente está cada vez mais fazendo sentido. Por isso a escola deve ser reinventada!

Precisamos experimentar outras práticas, pois as que aqui estão nunca deram resultados, e não vão dar! Mesmo porque é nessa geração que a escola foi aberta, os desafios são novos e em grande quantidade, houve a democratização apenas dos espaços. O saber está em toda parte (informação), o docente transmissor perdeu a função, há muito tempo, para o aquele que sabe selecionar, desenvolver as potencialidades. Metas para as quais ele não foi formado por isso deve experimentar!

Assim, o que cabe à instituição escolar é uma leitura científica do mundo, não desconsiderando que cada sujeito escolar tem sua especificidade, dentro de um todo social. Não cabe à escola resolver os males do mundo. Mas o que a ela compete, transmissão cultural e leitura da realidade, que seja feito, diminuindo as pressões entre atores escolares, possibilitando a construção de uma outra sociabilidade, talvez menos nociva para todos nós.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, Abdel-Jalil. Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre Estado, privatização e descentralização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 81-103, 2001.
- ANDRADE, de Oswald. **Um homem sem profissão: memórias e confissões**. 3. ed. Prefácio de Antônio Cândido. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1976.
- ANDRÉ, de Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e pedagogia**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ASSIS, Machado de. **Coleção**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 3.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BIANCHETTI, Roberto Gerardo. Educação de qualidade: um dos dilemas fundamentais para a definição das políticas educativas. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 233-258, out. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v6n2/03.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.
- BITSNERD. **História do software**. [S.l., 201-]. Disponível em: <<http://bitsnerd.blogspot.com.br/2012/03/historia-do-software.html>>. Acesso em: dez. 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **A escola como objeto de estudo: escola, desigualdades e diversidades**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2014.
- _____. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BLADE Runner. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S.l.], 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Blade_Runner>. Acesso em: jan. 2018.
- BLOCH, Marc Leopod Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 10 abr. 1942. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez.1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html>>. Acesso em: 20 dez.2016.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: mar. 2016.

CASTANHO, Sérgio. Sobre professores marcantes. In: _____.; CASTANHO, Maria Eugênia (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

CETIC.BR. **Proporção de alunos, por período de estudo**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_EDU&idUnidadeAnalise=Aluno&ano=2015>. Acesso em: jun. 2017.

COSTA, da Emília Viotti. Os objetivos do ensino de história no curso secundário. **Revista de História**, São Paulo, v. 29, p. 117-120, 1957. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/029/A008N029.pdf>>. Acesso em: mar. 2018.

COVEY, Stephen Richards. **Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes**. 7. ed. São Paulo: Best Seller, 2004.

DEBRU, Georges Canguilhem Claude. **Science et non-science**. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2011.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. [S.l.: s.n.], 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/prometeu.html>>. Acesso em: mar. 2018.

ESTEBAN, Maria Teresa. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 9-17, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n71/a02v2771.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

FAUZA, Michel Jalil. **Frankenstein: criador e criatura**. [Campinas, 20--]. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/f00005.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. **Tempos Históricos**, Cascavel, v. 12, p. 23-35, jan./jun. 2008,

FERNANDES, Florestan. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989d.

_____. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1971b.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.

FERREIRA, Izalci. Lucas. Projeto de lei n. 867, de 23 de março de 2015. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 7 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/PL.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

FILLOUX, Jean Claude. **Émile Durkheim**. Tradução de Maria Lúcia Salles Boudet. Organização de Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique Russo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco : Massangana 2010.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acessos em: 24 jul. 2015.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (Leitura)

_____. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Política e educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GUSMÃO, de Neusa Maria Mendes. Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades. **Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, v. 10, p. 32-45, 2011.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Organização e tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2001.

IBGE. **Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade – homens**. Rio de Janeiro, [2007]. Disponível em: <<https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=ECE305>>. Acesso em: mar. 2018.

LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 27. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LOURENÇO, Elaine. O ensino de história encontra seu passado: memórias da atuação docente durante a ditadura civil-militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 95-118, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/en_a06v3060.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

LORENZON, Ionice. Censo **mostra que ingresso de alunos cresceu 8,5% em 2008**. Brasília, DF, [2011]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32123>> Acesso em: mar. 2018.

MALFREDI, Silvia Maria **Política: educação popular**. São Paulo: Símbolo, 1978.

MARTINS, Maria do Carmo. Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 51, p. 37-50, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n51/n51a04.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____.; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução de Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MEIRA, Silvio. **Mundo viverá em modo beta para sempre**. São Paulo, 16 nov. 2009. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/internet/mundo-vivera-em-modo-beta-para-sempre-diz-silvio-meira,2c49887dc5aea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: mar. 2018

MESQUITA, Ilka Miglio; FONSECA, Selva Guimarães. Formação de professores de história: experiências, olhares e possibilidades. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 10, n. 3, p. 333-343, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6187>>. Acesso em: mar. 2018

MÉSZARÓS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ORWELL, George, 1903-1950. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

RAMOS, Marise Nogueira. O ensino médio ao longo do século XX: um projeto inacabado. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v.3.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 14. ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira**: estrutura e sistema. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1975.

SCHOPENHAUER, Arthur, 1788-1860. **Sobre o fundamento da moral**. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TOSTA, Sandra F. P. Antropologia e educação: interfaces em construção e as culturas na escola. **Inter-Legere**, Natal, v. 9, p. 234-250, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09es14.pdf>> Acesso em: abr. 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes da Silva (Org.). **A escola mudou**: Que mude a formação de professores! Campinas: Papyrus, 2010.

VELHO, Gikberto. O desafio o da proximidade. In: KUSCHNIR, Karina (Org.), **Pesquisas urbanas**: desafio os do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VIRGINIO, Alexandre Silva. Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 176-212, abr. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n29/a08v1429.pdf>>. Acessos em: 24 jul. 2015.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organização e introdução de H. H. Gerth e C. Waltensius Dutra. Revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

ANEXOS

Os anexos aqui apresentados demonstram que, mesmo com os avanços das políticas educacionais o ensino, ainda é estruturado em bases tradicionalistas, pouco ou em nada se diferenciando das políticas de controle estatal. Haja vista os índices educacionais brasileiros que não acompanharam a democratização do ensino pós 1988. No entanto, as saídas não são fáceis, nem binárias elas requerem articulação com um todo estrutural e funcional.

Não é novidade que as condições na docência é um desafio de grande monta, como nas demais políticas públicas: saúde, segurança, entre outras, mas em todas as instituições carecem de profissionais propositivos, bem como usuários e instituições coerentes.

Diante disso, muitas ações locais têm sido de grande importância, em todos os níveis, mas os impactos nacionais, de mudança de estrutura são mínimos. O terreno é árido e a descontinuidade das políticas e as proposições docentes levam a educação a patamares vergonhosos. Há trinta anos da constituinte o Brasil não pode se vangloriar da abertura dos portões das escolas. Este trabalho não tem interesse em questionar a democracia, que deve ser efetivada, este trabalho busca desnudar uma situação que ainda é uma incógnita: a educação brasileira.

Ao apresentar os anexos, como pautas de um projeto para a escola referida tivemos a ideia de demonstrar a descontinuidade das ações, pois, ao final da tese os profissionais envolvidos na unidade não trabalhavam mais na unidade. A substituição trouxe novos projetos descontínuos.

Depois do percurso até aqui percorrido os anexos são um convite para que o leitor possa também traçar suas rotas. Salientamos que o trabalho apresentou não só a impossibilidades de fórmulas mágicas, ele também buscou na modernidade leituras que pudessem compor com uma interpretação institucionais para além dos muros da escola, de um pensamento para além da centralidade no professor, para uma comunidade de discentes.

Em contrapartida, apresento as pautas de estudos semanais para a comunidade escolar, não para penalizar ou culpabilizar. Pois, a educação não se mede apontando culpados, mesmo os chamados erros se manifestam porque uma dialética ali se estabelece.

Para tanto apresentaremos aqui as categorias elencadas que, autorrelacionadas, produzem um panorama do que a comunidade escolar partilha. A saber;

- Qualidade na educação;
- Indisciplina dos alunos;
- Habilidade/competência;
- Solicitação de material;
- Educação especial;
- Agendamento da sala de informática;
- Avaliação Bimestral;
- Aplicação de provas Institucionais: Avaliação Processual;
- Relacionamento Interpessoal entre os docentes (Estagiários de Psicologia);
- Escolha do livro Didático;
- Piaget e Vygotsky – Contribuições;
- Projeto Prevenção também se ensina (Estagiários);

São temas tão diversos quanto amplos, ainda permeados por comemorações de todos os tipos, desde folclore até aniversários do mês. O espaço de estudo e troca entre docente na modernidade assim se constitui.

Ainda, muitas críticas educacionais residem na formação dos professores. Pode até ser parte do todo, mas as mudanças possíveis não estão sendo gestadas nos ambientes destinados a isso. Precisamos de coragem para abandonar práticas inócuas, precisamos de parceiros na caminhada, reinventar a educação não tem nada de revolucionário. É respeito para consigo.

A pesquisa que aqui finalizo encontrou um espaço profícuo para o trabalho cotidiano, porque são tantas as mazelas e descasos que qualquer gota nesta aridez produz frutos vindouros.

Anexo A - Pauta A.T.P.C. 22/02/2016 e 23/02/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
 EE PROFª HELENA CURY DE TACCA
 Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
 e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 22/02/2016 e 23/02/2016



1. Reflexão: “Cora Coralina”
2. Dinâmica: “As qualidades” – Profª Luciana Radi
3. Fechamento dos Planos de Ensino 2016 (1ª e 2ª bimestres)
 - Senhores Docentes, relembramos que o prazo para entrega dos planos de ensino do 1º e 2º bimestre está previsto para o dia **29/02/2016**, segunda-feira.
4. Fechamento dos Projetos Didáticos 2016.
5. Sala de Leitura - entrega do cronograma de visita da sala de leitura e horário de atendimento.
6. Organização e avaliação das atividades diagnósticas realizadas na 1º semana.
7. Socialização dos casos com Deficiência Intelectual (D I).
 - 1ª A - Luiz Gustavo Antunes Fernandes

- 1ª B - Isadora Beatriz de Oliveira Silva
8. Definição dos professores Orientadores de Sala - 2016 / Ens. Fund. II e Médio.
 9. Núcleo Pedagógico solicita preenchimento de formulário pelos professores de Matemática e Português, para formar grupos em redes sociais e aplicativos de celular com o intuito de manter contato mais direto com esses profissionais.

Clique no link de sua respectiva disciplina e responda o formulário:

Matemática

https://drive.google.com/open?id=11cmxVzecdMCB-O4f9I_mgAoUD-ooa8KkDkGeMDWbZws

Português

https://drive.google.com/open?id=1GiE2ZWha5IBI0Ui_eWh0lqW-k19SYQGcHOQYUCtInXM

Anexo B - Pauta A.T.P.C. 07/03/2016 e 08/03/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA
Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 07/03/2016 e 08/32/2016



10. **Reflexão:** “Dia Internacional da Mulher”

11. **Registro de Ocorrência** - Todos os professores deverão formalizar os registros de ocorrências em sala de aula. (não atendimento do contrato pedagógico estabelecido), **conforme memorando 01/2016.**

12. **Estudo e elaboração de Práticas de Ensino** entre os componentes curriculares.

- ✓ ,Adaptação curricular
- ✓ Situações de aprendizagem

13. Fechamento dos Planos de Ensino 2016 (1ª e 2ª bimestres)

Aos docentes que não entregaram os planos de ensino, por favor, encaminhar a coordenação o mais breve possível.

Anexo C - Pauta A.T.P.C. 14/03/2016 e 15/03/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 14/03/2016 e 15/03/2016



14. **Reflexão:** “Cora Coralina”

15. **Registro de Ocorrência** - Todos os professores deverão formalizar os registros de ocorrências em sala de aula. (não atendimento do contrato pedagógico estabelecido), **conforme memorando 01/2016.**

- ✓ **Indisciplina**
- ✓ **Não realiza atividade em sala**
- ✓ **Não trouxe o material (CA/livro didático)**
- ✓ **Não realizou tarefa de casa**

16. **Faltas médica/abonada** – comunicar a vice-direção e disponibilizar material para substituição.

17. **Reclassificação 2016**

✓ Apresentação dos alunos que participarão do processo conforme **resolução se nº 20, de 5 de fevereiro de 1998.**

✓ Socialização das provas de reclassificação para análise, alteração, se necessário, e posterior validação.

18. **Parceria – Uni-FACEF**

✓ Estagiários do curso de Matemática orientados pela Prfª Dra. Silvia Regina Viel.

19. **Entrega de Relatórios –** relação dos alunos com transtornos e acompanhamento médico – **Ens.Fundamental e Médio.**

20. **Avaliação Diagnóstica -** Parecer da Coordenação a partir dos trabalhos realizados em sala.

21. **Olimpíadas – 2016**

✓ **XIX OBA – Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica**

- Única fase - Prova 13/05
- Indicar alunos do Ensino Fundamental e Médio

✓ **OBMEP 2016 – 12ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas**

- 1ª Fase – 07 de junho
- Participação de todos os alunos da Unidade Escolar

✓ **5ª Edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro**

www.escrevendoofuturo.org.br

✓ **Olimpíadas Brasileira de Física 2016**

- 1ª fase 19/05/2016

22. **Formação Continuada -**

• **Início do estudo do texto:** *SITUAÇÃO-PROBLEMA: FORMA E RECURSO DE AVALIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGEM ESCOLAR*, de Lino de Macedo.

• **Objetivo:** refletir sobre a importância da situação-problema como recurso capaz de mobilizar competências e habilidades diante de sua aplicação.

Anexo D - Pauta A.T.P.C. 21/03/2016 e 22/03/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA**

**Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689**



PAUTA A.T.P.C. 21/03/2016 e 22/03/2016



- 1. Leitura Inicial: As Cocadas “Cora Coralina”**
- 2. Dia Mundial da água – 22 de Março**
 - Apresentação da canção Naturágua (Sandra, Paulo e Luiz Tatit) pelos estudantes e docentes.
 - Vídeo a partir dos trabalhos realizados pelos alunos do 9º ano – Profª Rose
 - Vídeo – Ciclo da água – We Will Rock You – Profª Débora
- 3. Projeto Hino Nacional - Projeto de Lei nº 12.031 de 21 de setembro de 2009, que “Altera a lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, para determinar a obrigatoriedade de execução semanal do Hino Nacional nos estabelecimentos de ensino fundamental”.**
 - É um dos símbolos do Brasil
 - Desenvolver consciência cívica
 - Professores colaboradores para implementação do projeto
 - Envolver o Grêmio Estudantil
- 4. Formação Continuada -**

- Objetivo: refletir sobre a importância da situação-problema como recurso capaz de mobilizar competências e habilidades diante de sua aplicação.

a) Estudo e análise do texto em dupla: SITUAÇÃO-PROBLEMA: FORMA E RECURSO DE AVALIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGEM ESCOLAR, de Lino de Macedo.

- O que é uma situação-problema?
- Para quem propomos situações-problema?
- Sobre o que propomos situações-problema?
- Como ensinar ou aprender por meio de situações-problema?
- Como avaliar por meio de situações-problema?
- Qual é a relação entre competência e situação-problema?
- Por que situações-problema e competências hoje?
- Situação-problema como modo de avaliação formativa – alteração
- Perturbação
- Regulação

b) Socializar os estudos realizados em dupla ao grupo

Anexo E - Pauta A.T.P.C. 28/03/2016 e 29/03/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 28/03/2016 e 29/03/2016



23. **Leitura Inicial:** *Desenho de Páscoa.*
24. **Envio e digitação das papeletas bimestrais** - Alexandre explicará a nova fórmula de envio.
25. **Solicitação de materiais para realização de atividades:** planejar com antecedência de no **mínimo uma semana**, preferencialmente as segunda-feiras. Retirar requisição com os agentes de organização. As requisições solicitados de última hora **não serão atendidas.**
26. **E.P.A.** planejamento das atividades e requisição de materiais a serem utilizados.
27. **Material de Consumo:** redução de verba para compras de gêneros alimentícios, higiene pessoal, produtos de limpeza (cozinha) e materiais de papelaria.
28. **Xerox provas/atividades:** Fazer com antecedência (**mínimo de uma semana**) a **requisição** e anexar o **modelo** da atividade para análise e posterior **autorização do Diretor,**
29. **Socialização pedagógica:** Marcelo Rodrigues Tofanin – 7ª ano A – **Hipersegmentação**
30. **Formação Continuada -**

• **Objetivo:** refletir sobre a importância da situação-problema como recurso capaz de mobilizar competências e habilidades diante de sua aplicação.

a) Estudo e análise do texto em dupla: SITUAÇÃO-PROBLEMA: FORMA E RECURSO DE AVALIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGEM ESCOLAR, de Lino de Macedo.

✓	O que é uma situação-problema?	✓	Qual é a relação entre competência e situação-problema?
✓	Para quem propomos situações-problema?	✓	Por que situações-problema e competências hoje?
✓	Sobre o que propomos situações-problema?	✓	Situação-problema como modo de avaliação formativa – alteração
✓	Como ensinar ou aprender por meio de situações-problema?	✓	Perturbação
✓	Como avaliar por meio de situações-problema?	✓	Regulação

b) Socializar os estudos realizados em dupla ao grupo

Anexo F - Pauta A.T.P.C. 04/04/2016 e 05/04/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 04/04/2016



Formação Pedagógica:

Publico Alvo: Equipe Gestora , docentes da unidade escolar e vinculadas (Fundação Casa, Centro de Detenção Provisoria e CAIP)

Tema: Educação Especial.

Palestrante: Profª Livia Ribeiro Lourenço Cabral -Responsável pela Sala de recurso da E.E Profº Antônio Fachada

Objetivo: Refletir sobre todo processo que envolve a Educação Especial, em particular o de adaptação curricular

- Vídeo: Cordas
- Definição de Deficiência Intelectual
- Conceitos relevantes para o trabalho com adaptações curriculares - Abordagem Multidisciplinar
- Alunos da escola atendidos na Sala de Recurso
- Anexo III – Conf. Instruções CGEB de 14/01/2015
- Exemplos de Adaptação Curricular por disciplina

Anexo G - Pauta A.T.P.C. 11/04/2016 e 12/04/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 11/04/2016 e 12/04/2016



1. **Leitura Inicial** – Profª Claire – Sala de Leitura “*Nossa Amiga*” Carlos Drumond de Andrade
2. **Parecer PA Nº 95/2015 e os procedimentos relativos à licença para tratamento de saúde** – a direção encaminhou via e-mail a todos os docentes o parecer PA nº 95/2015 para apreciação. Maiores esclarecimentos com o Gerente de Organização da U.E.
3. **Sala de Informática** – agendamento antecipado para uso da sala com os agentes de organização. Ressaltamos que o agendamento poderá ser feito por todos, porém é necessário atender prioritariamente o projeto desenvolvido em parceria com a Unesp (Novas Tecnologias no Ensino de História) e o horário de A.T.P.C. (segunda-feira 15h50 às 18h20/terça-feira 7h às 9h30). Obs.: 57 computadores em funcionamento.
4. **Processo de Eleição do Grêmio Estudantil /2016**
 - ✓ Período de divulgação no espaço escolar (Chapas e Propostas de Trabalho) - 12/04/2016 a 18/04/2016;
 - ✓ Eleição – 20/04/2016 (quarta-feira)
5. **Festa das Mães -**
 - ✓ Data – 06/05/2016
 - ✓ Horário – 19h30min
 - ✓ Sugestão de apresentações e decoração comunicar as Vice-diretoras.
6. **Ficha de Acompanhamento e Observação de Sala de Aula**
 - ✓ Socialização dos indicadores possíveis de observação em sala de aula.
 - ✓ Foco de observação: item 12, conforme ficha de acompanhamento disponibilizada.
 - ✓ Início dos trabalhos: quarta-feira 13/04/2016

CRONOGRAMA		
SALAS	PERÍODO	HORÁRIO
9 ^a A e 2 ^a A	manhã	07h00min às 10h40min
8 ^o B e 9 ^o D	tarde	14h40min às 18h20min
2 ^o D e 1 ^o D	noite	19h00min às 22h15min

7. Formação Continuada – Socialização dos estudos realizados em grupo a partir do referencial teórico, *“SITUAÇÃO-PROBLEMA: FORMA E RECURSO DE AVALIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGEM ESCOLAR”*, de Lino de Macedo.

Anexo H - Pauta A.T.P.C. 18/04/2016 e 19/04/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 18/04/2016 e 19/04/2016



1. **Leitura Inicial** – Frase de Clarice Lispector
2. **Formação Continuada** – Socialização dos estudos realizados em grupo a partir do referencial teórico, “SITUAÇÃO-PROBLEMA: FORMA E RECURSO DE AVALIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E APRENDIZAGEM ESCOLAR”, de Lino de Macedo.
3. **Orientação/Intranet** – Profª Claire demonstra passo a passo para acesso a Intranet.

Anexo I - Pauta A.T.P.C. 25/04/2016 e 26/04/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA**

**Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689**



PAUTA A.T.P.C. 25/04/2016 e 26/04/2016

1. **Leitura Inicial – “A mediocridade das pessoas” Isaias Costa**
2. **Avaliação Bimestral do Trabalho Escolar - análise dos resultados obtidos no 1º bimestre.**
3. **Avaliação de Aprendizagem em Processo - Data da aplicação:**
 - Língua Portuguesa - 27/04/2016 (quarta-feira) - 1ª e 2ª aula
 - Matemática- 28/04/2016 (quinta-feira) - 1ª e 2ª aula
4. **Processo de Reclassificação 2016 – Análise dos resultados das provas por disciplina e parecer final do professor.**
5. **Matriz de Avaliação Processual – entrega da Matriz de Avaliação Processual disponibilizada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.**
6. **Plataforma Foco Aprendizagem – Acesso**
 - Login: e065997p@educacao.sp.gov.br
 - Senha: Z8L0
 - Análise e reflexões acerca dos resultados de 2015
7. **Atividade Dia das Mães - orientação para construção da lembrancinha (tulipa).**
 - Profª Rose/Arte

Anexo J - Pauta A.T.P.C. 02/05/2016 e 03/05/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA**

**Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 - 3705-2689**



PAUTA A.T.P.C. 02/05/2016 e 03/05/2016

- 1. Correção e Digitação - Avaliação da Aprendizagem em Processo/2016 – 1º bimestre .**

- 2. Atividade Dia das Mães -**
 - Orientação para construção da lembrancinha (tulipa) - Profª Rose e Marcela/ Arte.
 - Data do evento – 05/005/2016 - (quinta-feira)
 - Início: MANHÃ 9h30min /TARDE 15h30min /NOITE 20h30min

- 3. Conselho de Classe/Série 1º bimestre – Cronograma**
 - Data – 06/05 – Sexta-feira

Horários

- Ensino Fundamental – MANHÃ - 7h00 - (6ºA, 7ºA, 8ºA, 9ºA e B).
- Ensino Médio – MANHÃ - 9h30 – (1ªA e B, 2ªA, 3ªA).
- Ensino Fundamental – TARDE – 13h00 – (6ºB e C, 7º B e C, 8º B, C e D, 9º C e D).
- Ensino Médio – NOTURNO – 17h00 – (1ªC e D, 2ª B , C e D, 3ª B e C).

Anexo K - Pauta A.T.P.C. 09/05/2016 e 10/05/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 09/05/2016 e 10/05/2016



8. **Palestra:** Relacionamento interpessoal. Estagiárias do curso de Pedagogia da Universidade de Franca
9. **Concurso EPTV na Escola 2016**
 - **Tema:** "O Brasil que eu vou ajudar a construir"
 - **Público Alvo:** 9º ano
10. **Inscrições XVII Prêmio Arte na Escola Cidadã** (Professores de arte)
11. **Reunião de Pais - 1º bimestre** :Data: 16/05
 - **Manhã** : horário : 07h00
 - **Tarde:** horário: 17h00
 - **Noite:** horário: 19h30m
12. **Digitação** - Avaliação da Aprendizagem em Processo/2016 – 1º bimestre .

Anexo L - Pauta A.T.P.C. 16/05/2016 e 17/05/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA**

**Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689**



PAUTA A.T.P.C. 16/05/2016 e 17/05/2016

13. **Palestra:** Relacionamento Interpessoal - Estagiárias do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade de Franca.
 - ✓ **Tema** – Empatia

14. **Plataforma Foco Aprendizagem – Novos dados para acesso**
 - ✓ **Login:** e065997a@educacao.sp.gov.br
 - ✓ **Senha:** ab1650
15. **Refletir e planejar:**
 - ✓ Situações de Aprendizagem. Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as atividades contidas nas situações. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas situações.
 - ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (dificuldade intelectual).
 - ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
 - ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
 - ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
 - ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares, jogos de professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).

Anexo M - Pauta A.T.P.C. 23/05/2016 e 24/05/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 23/05/2016 e 24/05/2016

16. **Palestra:** Relacionamento Interpessoal - Estagiárias do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade de Franca.

✓ **Objetivo** – Compreender a importância do bom relacionamento interpessoal para manter um ambiente de trabalho saudável que favoreça o sentimento de coletividade – Gestão de Pessoas

✓ **Tema** – Cordialidade

17. **Olimpíada Regional de Química** – Química em movimento: eu também sou atleta

✓ **Público envolvido** – estudantes do Ensino Médio (diurno e noturno)

✓ **16/06/16** – Visita ao departamento de Química – grupo de 42 estudantes da 1ª a 3ª série.

✓ **Professora responsável:** Débora Fuciji e Coordenação do Ensino Médio

18. – **Recuperação Contínua – Reorientação**

• **Resolução SE 53, de 2-10-2014**

Artigo 9º - Caberá à equipe escolar identificar os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio que necessitem de mecanismos de apoio no processo de ensino e aprendizagem, para concluir seus estudos dentro do tempo regular previsto na legislação pertinente.

Parágrafo único - Os mecanismos de apoio utilizados no processo de ensino e aprendizagem, a que se refere o caput deste artigo, distinguem-se pelos momentos em que são oferecidos e pelas metodologias utilizadas em seu desenvolvimento, caracterizando-se basicamente como estudos de Recuperação Contínua e de Recuperação Intensiva, assim definidas:

1 - Recuperação Contínua: ação de intervenção imediata, a ocorrer durante as aulas regulares, nas classes de Ensino Fundamental ou Médio, e que é voltada para as dificuldades específicas do aluno, abrangendo não só os conceitos, mas também as habilidades, procedimentos e atitudes, sendo desenvolvida pelo próprio professor da classe ou da disciplina, com apoio do Professor Auxiliar, quando necessário;

• **Material de Apoio - Reportagem Nova Escola -**

Refletir sobre as questões mais comuns sobre recuperação a parti do texto “**11 respostas mais comuns sobre recuperação**”.

19. **Refletir e planejar:**

- ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
- ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (deficiência intelectual).
- ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
- ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
- ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
- ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares clic professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).

Anexo N - Pauta A.T.P.C. 30/05/2016 e 31/05/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062

e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 30/05/2016 e 31/05/2016

20. **Palestra:** Relacionamento Interpessoal - Estagiárias do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade de Franca.

- ✓ **Objetivo** – Compreender a importância do bom relacionamento interpessoal para manter um ambiente de trabalho saudável que favoreça o sentimento de coletividade – Gestão de Pessoas
- ✓ **Tema** – Assertividade e Ética

21. **Deliberação CEE Nº 59/2006-** Estabelece condições especiais de atividades escolares de aprendizagem e avaliação para discente cujo estado de saúde as recomende.

22. **Compensação de ausência 1º Bimestre** – De acordo com o Regimento Escolar da E.E. Profª. Helena Cury de Tacca, TÍTULO III – Da frequência e compensação de ausência, artigo 70,71 e 72 - É direito do aluno compensar suas ausências quando não atingirem a frequência mínima de 75% do total de aulas letivas. Vale ressaltar que a Unidade Escolar oferece a compensação de ausência conforme a Lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente; Lei 9.394/96, Del CEE nº 10/97; Ind. CEE nº 13/97; Del. CEE nº 09/97; Par. CEE nº 67/98; Lei nº 13.068/08.

- ✓ Data para devolver o impresso para coordenação: **06/05/2016**
- ✓ Data para retirada na secretaria: **07/05/2016**
- ✓ Data para entrega dos trabalhos: **28/05/2016**

Obs.: Se o Trabalho a ser desenvolvido for realizar as atividades do caderno do aluno, por favor, deixar registrado no impresso para o aluno xerocar as páginas solicitadas pelo professor e em seguida respondê-las, pois não há espaço para anexar o caderno do aluno nos prontuários.

Toda compensação é uma recuperação de conteúdo, direito do aluno conforme regimento e leis. Portanto, todos os trabalhos deverão ser corrigidos e considerados. Caso os trabalhos não apresentem todos os conteúdos sugeridos pelo professor, favor indicar qual **item não foi contemplado** pelo aluno para que o mesmo tenha uma nova oportunidade.

23. OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática) - Aplicação acontecerá 07/05/2016 (terça-feira)

- ✓ Nas duas últimas aulas de cada período.

24. Sala de leitura: Desafio de leitura 2016 e as nove atitudes que impactam a sala de leitura.

- ✓ Orientações - Profª Claire

25. Refletir e planejar:

- ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
- ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (deficiência intelectual).
- ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
- ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
- ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
- ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares clic professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).

Anexo O - Pauta A.T.P.C. 13/06/2016 e 14/06/2016


SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 13/06/2016 e 14/06/2016



26. Plataforma online -  uni>ersia
- ✓ Plataforma de acesso gratuito ao público estudantil Ensino Fundamental e Médio
 - ✓ Site: <http://www.universiaenem.com.br>
27. **Videoconferência de apoio curricular de sociologia** : a ser realizada no dia **14 de junho de 2016 às 13 horas**.
- ✓ Tema: “A cidade como lugar de contradições e conflitos”.
 - ✓ Transmissão ao vivo pelo site da Rede do Saber - <http://www.rededosaber.sp.gov.br>
28. **Escolha do livro didático** – A escola deve apresentar **duas opções** na escolha das obras para cada ano e disciplina. Caso não seja possível a compra da primeira opção, o FNDE envia à escola a segunda coleção escolhida. Portanto, **a escolha da segunda opção deve ser tão criteriosa** quanto a primeira.
- a. Analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros tendo como referencia o Currículo do Estado de São Paulo.
 - b. Preencher e assinar a Ata da Escolha de Livros Didáticos PNL D 2017.
29. **Avaliação de Aprendizagem em Processo – 2º bimestre 12ª edição**

- ✓ Disponibilização das Recomendações Pedagógicas de Matemática e Língua Portuguesa (Caderno do Professor) para análise e estudo.
 - ✓ A aplicação deve ser programada para o período compreendido entre os dias **20 de junho e 01 de julho de 2016**.
 - ✓ Digitação na Secretaria Escolar Digital – inserir os resultados no SARA no **período de 20 de junho a 05 de agosto de 2016**.
30. **Foto para Identificação /Formatura** - Turmas: 9ºs anos (A, B, C e D) 3ªs séries (A, B e C).
- **DATA: 15/06/2016**
31. **Próxima ATPC** – Trazer material didático utilizado para estudo e planejamento de atividades pedagógicas.

Anexo P - Pauta A.T.P.C. 20/06/2016 e 21/06/2016

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA**

**Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689**



PAUTA A.T.P.C. 20/06/2016 e 21/06/2016

- 32. Encerramento dos trabalhos:** Relacionamento Interpessoal - Estagiárias do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade de Franca.
- ✓ **Objetivo** – Compreender a importância do bom relacionamento interpessoal para manter um ambiente de trabalho saudável que favoreça o sentimento de coletividade – Gestão de Pessoas
 - ✓ **Tema** – Humanização e Resiliência
- 33. Refletir e planejar:**
- ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
 - ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (dificuldade intelectual).
 - ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
 - ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
 - ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
 - ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares clic professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).

Anexo Q - Pauta A.T.P.C. 27/06/2016 e 28/06/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 27/06/2016 e 28/06/2016



1. **Curso online: Aventuras CURRÍCULO +** (Professores de Português e Matemática) – entrega Boletim nº 01 de 23/06/2016.
2. **Diários de Classe:** Srs Docentes todos os diários de classe (Unidade Escolar e Vinculadas)deverão ser entregues a coordenação pedagógica até o dia 01/07/2016
3. **Refletir e planejar:**
 - ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
 - ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (deficiência intelectual).
 - ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
 - ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
 - ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
 - ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares cliq professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros.

ANEXO R - Pauta A.T.P.C. 15/08/2016 e 16/08/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardim, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 15/08/2016 e 16/08/2016



1. **Concurso de Redação:**
 - **Tema:** “HPV e Câncer: e eu com isso”?
 - **Objetivo:** Difundir o conhecimento, popularizar a ciência e estimular jovens talentos na investigação científica para que no futuro possam gerar conhecimentos e inovações que beneficiem toda a sociedade.
 - **Público-Alvo:** Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II – Anos Finais.
Para maiores orientações e subsídios acesse o link abaixo:
<https://www.hcancerbarretos.com.br/concurso-de-redacao-nec>
2. **Seminário de Boas Práticas dos Anos Finais e Ensino Médio** – a coordenação disponibiliza aos docentes a ficha de inscrição para preenchimento de Boas Prática realizadas de acordo com os eixos temáticos previamente definidos pela Diretoria de Ensino.
3. **Compensação de ausência 2º Bimestre** – De acordo com o Regimento Escolar da E.E. Profª. Helena Cury de Tacca, TÍTULO III – Da frequência e compensação de ausência, artigo 70,71 e 72 - É direito do aluno compensar suas ausências quando não atingirem a frequência mínima de 75% do total de aulas letivas. Vale ressaltar que a Unidade Escolar oferece a compensação de ausência conforme a Lei nº 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente; Lei 9.394/96, Del CEE nº 10/97; Ind. CEE nº 13/97; Del. CEE nº 09/97; Par. CEE nº 67/98; Lei nº 13.068/08.
 - Data para devolver o impresso para coordenação: 22/08/2016
- Obs.:** Se o Trabalho a ser desenvolvido for realizar as atividades do caderno do aluno, por favor, deixar registrado no impresso para o aluno xerocar as páginas solicitadas pelo professor e em seguida respondê-las, pois não há espaço para anexar o caderno do aluno nos prontuários.
4. **EPTV na Escola** - a aluna Andreyra da Silva Seabra 9º D participará da visita à EPTV de Ribeirão Preto no dia 19/08/2016 e estará acompanhada da Professora Margarida Maria Facioli Tridico.
5. **Ficha de acompanhamento de rendimento pedagógico do aluno – semanal** – apreciação da ficha para preenchimento sistemático.
6. **Recreio Folclórico - 22 de Agosto:** atividades folclóricas organizadas pela equipe docente responsável /Sala de Leitura.
7. **Refletir e Planejar:**

- Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícita e implícitas nas atividades contidas nas situações.
- Projetos interdisciplinares – discussão e construção.

Anexo S - Pauta A.T.P.C. 22/08/2016 e 23/08/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 22/08/2016 e

23/08/2016



4. **Leitura inicial:** *O caso da bicicleta* – Geraldinho

5. **Vestibular UNESP – 2016:** divulgação aos alunos da 3ª série do Ensino Médio (período noturno) - Equipe de profissionais responsáveis. **Data: 23/08/2016 – (terça-feira).**

3. **Estudo** – Fragmentos do texto – “**Novas contribuições para o debate**” Piaget e Vygotsky

- ✓ **OBJETIVO:** Analisar o texto considerando os aspectos didáticos e identificando as estratégias e procedimentos utilizados e sua importância para o tratamento didático do conteúdo proposto.

3.1 – Leitura e discussão coletiva (item a e b);

3.2 Com base no item a e b, quais conteúdos didáticos (que são aplicáveis em qualquer disciplina) conseguimos elencar?

4. **Refletir e planejar:**

- ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
- ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (deficiência intelectual).
- ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
- ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
- ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
- ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares clic professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).

Anexo T - Pauta A.T.P.C. 05/09/2016 e 06/09/2016

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE FRANCA
EE PROFª HELENA CURY DE TACCA

Av: Domingos Jardini, 2321 – Jd. Tropical – Franca-SP - CEP: 14.407-062
e-mail: e065997a@educacao.sp.gov.br - Fone: 3705-2538 -3705-2689



PAUTA A.T.P.C. 05/09/2016 e

06/09/2016

1. Leitura Inicial -

Mudam-se os Tempos, mudam-se as Vontades
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Luís de Camões , L. V. de. 200 Sonetos. Porto Alegre: L&PM. 1998.

Obs.: Soer já foi um verbo muito frequente no Português do séc. XVI (Camões usava muito), com o sentido de nosso costumar: "No tempo em que os homens soíam respeitar sua palavra". No entanto, hoje seu emprego ficou praticamente restrito aos textos e discursos eruditos, em expressões mais ou menos pré-fabricadas do tipo "como sói acontecer", "como soía ocorrer".

2 **Projeto Prevenção Também Se Ensina-UNIFRAN**

Público Alvo : 7ºano A Ens. Fundamental e 1ª A e 1ªB Ens. Médio

CRONOGRAMA PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

AULAS	HORÁRIOS	DATAS		
		14/09 (quarta-feira)	21/09 (quarta-feira)	28/09 (quarta-feira)
3ª	8h40 às 9h30	1ª A	1ªB	7º A
4ª	9h50 às 10h40	1ªB	7º A	1ªA
5ª	10h40 às 11h30	7º A	1ªA	1ªB

1. **Parceria UNIFRAN** – Estagiárias do curso de psicologia - Terma: **“Habilidades de Vida”**.

Turmas envolvidas: 6º Ano C, 7ºano B , 1ª A e 1ª B

Cronograma para realização das atividades

MANHÃ – 7H50 às 10h00 -			
Data	Dia	1ºA	1ºB
	terça-feira		
	quinta-feira		
	terça-feira		
	quinta-feira		

TARDE -			
Data	Dia	6º ano C	7º Ano B
	segunda-feira		
	quinta-feira		
	sexta-feira		
	segunda-feira		
	quinta-feira		
	sexta-feira		

4. **Autoanálise da prática docente considerando o estudo do item C** “*Ensinar é favorecer a discussão sobre os problemas formulados, é oferecer a oportunidade de coordenar diferentes pontos de vista, é orientar para resolução dos problemas colocados*” do texto “**Novas contribuições para o debate**” Piaget e Vygotsky.

- É possível ao professor assumir uma postura de neutralidade de modo a favorecer o progresso do conhecimento?
- A interação entre pares (pequenos grupos flexíveis, duplas produtivas, debates) é possível de ser realizada no decorrer do processo ensino aprendizagem?
- Pontue quais as dificuldades para promover o tratamento didático citado nas questões a e b?

5. **Refletir e Planejar:**

- ✓ Estudo e apreciação do caderno do professor de modo a qualificar as Situações de Aprendizagem. Atentar para as habilidades explícitas e implícitas nas atividades contidas nas situações.
- ✓ Elaboração de atividades para adaptação curricular (deficiência intelectual).
- ✓ Projetos interdisciplinares – discussão e construção.
- ✓ Socialização de práticas e experiências bem sucedidas entre os pares.
- ✓ Solicitação de materiais pedagógicos e papelaria (se necessário).
- ✓ Explorar os recursos pedagógicos que a escola possui (jogos matemáticos, softwares clic professor, jogos diversos, materiais de Educação Física, modelos anatômicos, microscópio, entre outros).